

**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO ESPECIALIZAÇÃO EM MODELAGEM DO
VESTUÁRIO**

VILMA MARTA CALEFFI

**INSERÇÃO DE MODELISTAS EGRESSOS DO CURSO SUPERIOR DE
TECNOLOGIA EM DESIGN DE MODA, NO MERCADO DE TRABALHO**

CRICIUMA, MARÇO DE 2014.

VILMA MARTA CALEFFI

**INSERÇÃO DE MODELISTAS EGRESSOS DO CURSO SUPERIOR DE
TECNOLOGIA EM DESING DE MODA, NO MERCADO DE TRABALHO**

Monografia apresentada à Diretoria de Pós-graduação da Universidade do Extremo Sul Catarinense- UNESC, para a obtenção do título de especialista em Modelagem do Vestuário.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Icléia Silveira

CRICIÚMA, MARÇO DE 2014

RESUMO

O presente estudo teve por objetivo analisar inserção de egressos modelistas do curso Superior de Tecnologia em Design de Moda no mercado de trabalho da região Sul catarinense. Optou-se pela pesquisa quantitativa com abordagem exploratória e descritiva. O resultado da pesquisa de campo revelou que as relações interpessoais têm peso expressivo para a inserção, pois 32% ingressaram por indicação de amigos e professores, 20% enviaram currículo e passaram por exames, 20% apenas enviaram currículo e foram contratados, desta forma, o estudo evidenciou que, para além do conhecimento formal, as instituições devem observar aspectos comportamentais na formação.

Palavras-chave: Vestuário, Modelagem, Egresso.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas
CAD	Computer Aided Design (Desenho auxiliado por computador)
CAD/CAM	Computer Aided Design / Computer Aided Manufacturing
CST	Curso Superior de Tecnologia
CUT	Central Única dos trabalhadores
DIEESE	Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos Socioeconômicos
LDB	Lei de Diretrizes e Bases
MEC	Ministérios de Educação e Cultura
NBR	Norma Brasileira
NDE	Núcleo de Docentes Estruturantes
PPP	Projeto Político Pedagógico
SENAI	Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial
UNESC	Universidade do Extremo Sul Catarinense

LISTA DE GRÁFICO

Gráfico 01 – Faixa etária	42
Gráfico 02 – Regime de trabalho	42
Gráfico 03 – Processo de seleção	43
Gráfico 04 – Satisfação salarial.....	43
Gráfico 05 – Primeiro emprego	44
Gráfico 06 – Aperfeiçoamento profissional.....	46
Gráfico 07 – Inserção profissional.....	47
Gráfico 08 – Satisfação com o curso.....	47
Gráfico 09 – Setor de estágio	48

LISTA DE QUADROS

Quadro 01 - Ferramentas para modelagem plana.....	27
Quadro 02 – Matriz curricular de modelagem.....	38
Quadro 03 – Estágio curricular	40

LISTA DE FIGURAS

Figura 01– Técnica de corte de molde sem sobras	30
Figura 02 – Jaqueta Low to no waste de Sam Forno	31

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
1.1 APRESENTAÇÃO DO TEMA.....	10
1.2 PROBLEMA DE PESQUISA	11
1.3 OBJETIVOS	12
1.3.1 Objetivo Geral	12
1.3.2 Objetivos específicos	12
1.4 JUSTIFICATIVA	13
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	14
2.1 CATEGORIA MERCADO DE TRABALHO E EMPREGO	14
2.2 A RELAÇÃO TRABALHO E EDUCAÇÃO: BREVES APONTAMENTOS	17
2.3 O TRABALHO NA INDÚSTRIA DO VESTUÁRIO	19
2.3 FORMAÇÃO PROFISSIONAL NA ÁREA DA MODELAGEM DO VESTUÁRIO	22
2.3.1 Características da modelagem industrial.....	24
2.3.2 Modelagem Plana - bidimensional	27
2.3.3 <i>Moulage</i> - Modelagem tridimensional.....	28
2.3.4 Modelagem: considerações da atualidade	29
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA	33
3.1 DELIMITAÇÃO E LIMITAÇÕES DA PESQUISA.....	33
3.1.1 Coleta dos Dados	33
3.1.2 População e amostra	34
3.1.3 Etapas da pesquisa de campo	34
4 PESQUISA DE CAMPO	36
4.1 CONTEXTO DA REGIÃO SUL DE SANTA CATARINA	36
4.2 A INSTITUIÇÃO DE ENSINO.....	37
4.3 O CURSO DE TECNOLOGIA EM DESIGN DE MODA.....	38
4.4 O SETOR DE ESTÁGIO	39
4.5 PERFIS DOS EGRESSOS.....	41
4.6 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS DA PESQUISA.....	41
4.6.1 Faixa etária.....	42
4.6.2 - Regime de trabalho	42
4.6.3 Processo de seleção	43
4.6.4 Satisfação salarial	43
4.6.5 Primeiro emprego	44

4.6.6 Condições de trabalho.....	45
4.6.7 Qualificação profissional.....	45
4.6.8 Inserção profissional.....	46
4.6.9 Satisfação com o curso	47
4.6.10 Setor de estágio	48
4.6.11 Continuidade nos estudos	48
4.6.12 Funções do modelista	49
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	51
REFERÊNCIAS.....	54
APÊNDICE 1	58
APÊNDICE 2.....	61
APÊNDICE 3.....	66
APÊNDICE 4.....	67

1 INTRODUÇÃO

1.1 APRESENTAÇÃO DO TEMA

Considera-se a modelagem do vestuário uma etapa imprescindível da produção do vestuário, pois é responsável pela adaptação do mesmo, ao corpo humano, ou seja, a vestibilidade do produto, caimento, conforto e qualidade estética. Esta técnica tem como resultado final os moldes, que reproduzem as formas e medidas do corpo humano, concretizando um determinado modelo. Para elaborar a modelagem Industrial, o modelista necessita deter muitos conhecimentos, que vão além dos procedimentos técnicos, como por exemplo, a ergonomia, a antropometria e o conhecimento do corpo do usuário, sendo assim, ressalta-se a importância da qualidade do ensino, do estágio curricular, da qualificação, da atualização permanente e da valorização profissional.

O presente estudo tem origem na realidade profissional da autora que é docente do curso de Tecnologia em Design de Moda do SENAI-Criciúma desde seu início, no ano de 2000. Com duração de 3 anos e meio, a primeira turma formou-se no ano de 2003, portanto, a partir dessa data as indústrias de confecções de Criciúma e região, começaram a receber profissionais da área de moda em nível de graduação. Nessa época as necessidades regionais levantadas pelo SENAI, junto aos empresários do ramo de confecção, conclamavam por modelistas que realizassem a modelagem em tecido plano, especialmente o *denim*, e, que fosse detentores do conhecimento formal com o domínio de várias técnicas de modelagem, inclusive a modelagem informatizada; desta forma, o mercado de trabalho apresentava perspectivas de emprego atraentes para jovens dispostos à ingressarem em uma instituição de educação formal em nível de graduação.

A matriz curricular do curso procurou atender essa demanda dedicando 360 horas, das 2.520, à modelagem, iniciando pela modelagem manual no segundo ano do curso e finalizando com a modelagem informatizada na penúltima fase do curso. A disciplina que dá suporte ao aprendizado da modelagem é a costura, a qual foi contemplada com 288 horas aula na matriz curricular. Esse é o eixo central do estudo, do ponto de vista do mercado, a investigação pretende averiguar se esta carga horária e as ementas das disciplinas ministradas são suficientes à preparação

dos alunos, no atendimento às necessidades das empresas do vestuário, do ponto de vista do egresso, quais as formas de inserção e condições laborais encontradas.

Pretende-se refletir por meio dessa pesquisa o conceito de mercado de trabalho, a formação tecnológica e conhecimento, baseados na perspectiva de análise de dois atores sociais: as organizações e o trabalhador - ambos necessitam do conhecimento formal, porém por motivos diferentes: o primeiro, como ferramenta competitiva para conquistar e/ou manter mercados, o segundo para produção de sua existência.

1.2 PROBLEMA DE PESQUISA

É de conhecimento geral, que os profissionais mais disputados pelas empresas do vestuário são os modelistas, por isso a formação, os conhecimentos e as habilidades destes profissionais são imprescindíveis às empresas do vestuário. O Curso de Tecnologia em Design de Moda do SENAI de Criciúma há mais de uma década vem formando profissionais em nível de graduação para atender esta demanda. A instituição tem como foco a qualidade da formação profissional, no entanto, questiona-se se os conhecimentos proporcionados pela instituição, realmente habilitam ao exercício da profissão. Por outro lado, muitas empresas do vestuário ainda não estão preparadas para dar condições razoáveis de trabalho aos modelistas, em relação à capacitação permanente, ao uso de tecnologias modernas, espaços adequados de trabalho, remuneração salarial compatível com a função, entre outras. Diante deste contexto chegou-se ao seguinte problema: como estão sendo inseridos no mercado de trabalho os modelistas egressos do curso de Tecnologia em Design de Moda?

Após mais de uma década de implantação do curso de Tecnologia em Design de Moda pretende-se investigar como jovens formados em nível de graduação buscam pela primeira vez a inserção no mercado de trabalho, munidos do conhecimento proporcionado pela instituição, o conhecimento auxiliou o egresso no mercado de trabalho? Qual a forma de inserção no mercado de trabalho? Quais as condições laborais encontradas pelo egresso modelista? Desta forma, o estudo busca analisar como vem ocorrendo a inserção de egressos modelistas do curso de Tecnologia em Design de Moda, no mercado de trabalho, e algumas implicações, remuneração salarial, condições laborais, necessidade de aperfeiçoamento.

A monografia está estruturada em 3 capítulos que abordam aspectos relacionados à problemática em foco. Deste modo, o primeiro capítulo, da introdução - caracteriza o tema, a definição do problema, o objetivo geral e os específicos da pesquisa, a justificativa da escolha do tema, sua relevância e contribuição prática, a metodologia usada e a estrutura do trabalho.

No capítulo dois, buscou-se fundamentar teoricamente o estudo com autores que abordam os conceitos de mercado de trabalho, emprego, formação profissional na área do vestuário/modelagem, o que é modelagem e suas técnicas.

O capítulo três contextualiza o leitor apresentando o campo empírico: as características da região Sul de Santa Catarina, a instituição de ensino, os resultados e análise dos dados, também aponta os limites e potencialidades do estudo.

1.3 OBJETIVOS

1.3.1 Objetivo Geral

Investigar a inserção de egressos dos cursos de Tecnologia em Design de Moda, no mercado de trabalho.

1.3.2 Objetivos específicos

1. Descrever as novas demandas que o mercado de trabalho vem requerendo do profissional modelista;
2. Identificar os conhecimentos e as técnicas indispensáveis à formação do modelista;
3. Enunciar as contribuições do estágio para o exercício da função de modelista;
4. Verificar as condições de trabalho no setor de modelagem e capacitação profissional;
5. Investigar os critérios usados pelas empresas do vestuário na seleção dos modelistas.

1.4 JUSTIFICATIVA

Esse estudo tem por premissa o conhecimento enquanto capital que permite ao trabalhador inserir-se no mercado de trabalho e produzir sua existência. Instituições de Educação Profissional atuam como fornecedoras de força de trabalho à indústria, na complementação e/ou formação de trabalhadores, neste sentido a relevância do estudo consiste em compreender a forma de inserção do trabalhador, em especial o profissional modelista egresso do curso de Tecnologia em Design de Moda. Numa perspectiva prática, o resultado da pesquisa pode ser aplicado na melhoria da ementa ou matriz curricular, na perspectiva de análise crítica pode contribuir para a reflexão das mudanças no mundo do trabalho¹, ao revelar a realidade nas relações de trabalho, pois desde sua criação em 2001, o curso de Tecnologia em Design de Moda não foi avaliado por seus egressos que foram atuar na área da modelagem.

¹ A expressão “mundo do trabalho” é utilizada por Ricardo Antunes em seus estudos na área da Sociologia do Trabalho, especialmente na obra: **Adeus ao Trabalho? Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho**. São Paulo, Cortez, 2000.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A categoria central desse estudo é o trabalho. Trabalhando o homem, age sobre o mundo externo, transforma a sua própria natureza e produz sua existência, nesse processo o homem se educa independente de instituição específica, portanto, trabalho e educação são constitutivos do homem.

No âmbito das relações produtivas, a força de trabalho é considerada uma mercadoria: para o trabalhador, é sua fonte de produção da existência, e a educação amplia as chances de inserção no mercado de trabalho, as chances de conseguir e manter um emprego.

Neste sentido, o presente estudo está fundamentado primeiramente em autores que discutem a relação trabalho e educação, destacam-se os estudos de Pochemann (2009), Inverzini (2005), em seguida apresenta autores que abordam o trabalho na indústria do vestuário, o conceito e as técnicas de modelagem.

2.1 CATEGORIA MERCADO DE TRABALHO E EMPREGO

Pode-se afirmar que, no Brasil o mercado de trabalho se estrutura com o processo de migração da população rural para as cidades, ocorrido a partir da segunda metade do séc. XX, quando se inicia um ciclo de crescimento econômico impulsionado pela industrialização. O então presidente da República Juscelino Kubitschek (1956-1961) institui a política de substituição de importações e o plano de metas intitulado “cinquenta anos em cinco”, também a construção de Brasília corroborou para que o Brasil se apresentasse como um imenso canteiro de obras e fábricas funcionando. É neste cenário que se tem origem o mercado de trabalho, um campo com vagas para trabalhadores.

Portanto, a expressão mercado de trabalho é compreendida como espaço de compra e venda de força de trabalho, o que proporciona a produção material da existência, sendo que as transformações nas últimas décadas tem o tornado precário e instável.

As transformações mais expressivas relacionam-se com o processo de globalização econômica ocorrida a partir de 1990, o que provocou fechamento de empresas, demissões, fragilização das organizações coletivas e sindicatos. Como

resposta à crise foram implantadas inovações gerenciais e tecnológicas pautada na racionalização da produção.

O contexto de acirramento no mercado de trabalho também foi influenciado pela adoção de novos métodos de gestão da produção nas grandes empresas, significando a reorganização do trabalho, a incorporação de inovações tecnológicas, a externalização de parte do processo produtivo (terceirização e subcontratação de mão-de-obra) e a realização de investimentos racionalizadores (POCHMANN, 1998, p. 38).

Um exemplo contundente destas mudanças, se expressa na indústria do vestuário, cuja externalização do processo produtivo intensificou a divisão social do trabalho com conseqüente perda para a classe trabalhadora. Em âmbito mundial o trabalho de design e *marketing* dos produtos concentrou-se em países desenvolvidos, enquanto a produção deslocou-se para os países do terceiro mundo. A empresa deixa de produzir e passa a vender e gerenciar uma marca, pois não é rentável ter uma fábrica. Naomi Klein, jornalista canadense, viaja para Indonésia e China observando trabalhadores, cujo trabalho resulta em produtos de marcas expressivas, e relata que:

Essa tarefa ignóbil, portanto, pode e deve ser delegada a terceiros cuja única preocupação é atender às encomendas a tempo e dentro do orçamento (e o ideal é que fiquem no Terceiro Mundo, onde a mão-de-obra é quase de graça, as leis são frouxas e isenções fiscais são obtidas a rodo). As matrizes, enquanto isso estão livres para concentrar em seu verdadeiro negócio – criar uma mitologia corporativa poderosa o bastante para infundir significado a esses toscos objetos apenas assinalando-os com seu nome (KLEIN, 2002, p.46).

Há que se destacar que esta indústria emprega grande contingente de força de trabalho feminino, portanto as mulheres foram as mais atingidas pela reestruturação dos métodos de produção. Por ser uma atividade oriunda do seio doméstico, com frequência crianças também auxiliam nas tarefas, neste sentido, não é raro que a externalização do processo produtivo também ocorra na informalidade, em condições precárias.

As repercussões no mercado de trabalho incidem significativamente, e vão desde as exigências com o aumento da escolaridade, cumprimento de metas de produção, aumento da qualidade dos produtos, rotatividade e aumento de doenças ocupacionais. Quanto à rotatividade, Pochmann (2009) analisa o trabalho no contexto de crise atual e afirma:

[...] a rotatividade da mão de obra coloca-se de forma mais intensa no rebaixamento da remuneração e das condições de trabalho dos empregados, geralmente aqueles com contrato formal. Em termos gerais, trata-se da demissão de trabalhador com maior remuneração para os contratos de novos empregados em condições inferiores de salário (p. 11).

A forma mais conhecida de inserção ao mundo do trabalho é a carteira de trabalho assinada, com jornada estabelecida em 40 horas semanais, no entanto, a crise estrutural tem provocado a fragilização das garantias e com isso a precarização das condições e formas de trabalho.

Em tempos passados o diploma universitário era garantia de emprego formal e representava uma carreira sólida com direito a vários benefícios. Na atualidade as formas de empregabilidade são muitas, e o deslocamento do conceito de qualificação para competência coloca no indivíduo a responsabilidade por sua inserção no mercado de trabalho.

Bianchetti (2005) descreve a relação diploma e mercado de trabalho apontando o seguinte: o candidato a emprego, que até então passava por entrevistas, dinâmicas de grupo e aprendia técnicas para “recheiar” currículos, na atualidade depara-se com relações complexas, por exemplo, com a internet, o mesmo pode se disponibilizar a vaga e enviar o currículo, que fica armazenado no banco de dados sem destino certo. Quando há possibilidade de contratação, é solicitado que apresente uma “proposta”, essa relação situa-se na perspectiva teórico-prática do empreendedorismo e da empregabilidade, cuja responsabilidade em conseguir um emprego, manter-se empregado ou reinserir-se no mercado de trabalho, é de responsabilidade exclusiva do trabalhador.

O discurso no paradigma contemporâneo, como aponta Inverzini (2005. p 122), absolve a crise, a política econômica, a concentração de renda e outros problemas econômicos e sociais e culpa os próprios trabalhadores por sua obsolescência e sua incapacidade de correr atrás de um emprego e mantê-lo.

Uma das formas mais expressivas de inserção no mercado de trabalho é pela educação, este é o assunto do próximo item.

2.2 A RELAÇÃO TRABALHO E EDUCAÇÃO: BREVES APONTAMENTOS

Em um contexto de acirrada crise econômica e social, como citado acima, o mercado de trabalho apresenta-se como campo minado de conflitos, de concorrência. Não basta conseguir um emprego, é preciso manter-se empregado, e empregável, portanto o conceito de formação continuada, competência, aprendizagem por toda a vida se fazem presentes na contemporaneidade, também o uso de tecnologias na educação com cursos à distância são expressões de uma sociedade cujo saber é instável, mutante e nunca suficiente.

No âmbito das relações produtivas, o maior nível de escolaridade tem consequência direta para o trabalhador, no entanto é preciso um tempo de inatividade para que se complete a formação, o que amplia as possibilidades de mobilidade entre os setores de uma empresa e entre empresas:

Na realidade o diploma de conclusão de curso transforma-se em uma espécie de passaporte a ser utilizado na trajetória ocupacional de longo prazo. Para isso, no entanto, o jovem precisa contar com uma trajetória de inatividade relativamente longa absorvida pela educação, o que significa ingressar no mercado de trabalho após os 20 anos de idade e com posto de trabalho superior (POCHMANN, 1998, p.26).

O tempo de inatividade de que fala o autor, nem sempre é possível na realidade brasileira, a realidade visível está na ampliação da oferta do ensino noturno. Ao mesmo tempo em que pode ser percebido como fortalecimento de políticas democráticas que atendem às necessidades da classe trabalhadora, indica a precoce inserção juvenil no mercado de trabalho como fonte de renda familiar. É possível afirmar que são poucos os jovens que tem possibilidade de fazer os estudos universitários durante o período diurno, sem precisar trabalhar.

Inverzini (2005) aponta que a aquisição da educação formal apresenta-se como forma de acesso ao emprego e menos risco de desemprego, porém, o elevado número de trabalhadores escolarizados, pode contribuir para acirrar a concorrência entre os mesmos, com conseqüente perda salarial e postos mais precários.

Retomando a análise citada no item anterior, se em 1990, ocorre um acirramento da crise pelo processo de globalização econômica, as repercussões atingem o campo educacional, três anos depois, em 1993 o Congresso Nacional aprova a LDB – Lei de Diretrizes e Bases da educação 93/94, conhecida também

pelo nome de seu idealizador - Lei Darcy Ribeiro. A LDB remodelou os sistemas de educação, ampliando as horas de educação obrigatória. A reforma educacional reduziu a taxa de analfabetismo e aumentou o nível médio de escolaridade, no entanto, mesmo com a expansão no tempo de instrução, o nível de escolaridade no Brasil ainda é baixo, se comparado à outros países da América do sul, comenta Pochmann (1998). Mesmo no ensino superior, empresários reclamam da falta de profissionais no preenchimento de vagas, e utilizam a expressão geração de diplomados, em referência aos graduados em nível superior que não possuem as competências requisitadas pelo mercado. Uma das explicações está no crescimento vertiginoso do número de instituições sem a devida qualidade, em 2000, o Brasil tinha pouco mais de mil instituições de ensino superior. Hoje são 2.416, sendo 2.112 particulares, informa Ruth Costas (2013), esse fato depõe a favor de uma análise na qual a educação é concebida como mercadoria, a ser vendida, comercializada para quem estiver disposto a pagar.

A partir da LDB 93/94, a educação passou por significativas reformas, seguindo tendências internacionais de fortalecimento da educação profissional, o governo buscou articular a academia à prática por meio dos cursos superiores de tecnologia. Takahashi e Amorim (2008) informam que os Cursos Superiores de Tecnologia - CST's - originaram-se das necessidades do mercado, portanto a Educação Profissional no Brasil pode ser considerada promotora da inserção no mercado de trabalho e de inclusão social, e a legislação, como mecanismo de regulamentação das demandas da sociedade. Essas instituições oferecem o estágio curricular, que representa a ponte para o ingresso no mundo do trabalho, espaço de vivências. Os estágios colocam os alunos em contato direto com o chão de fábrica, o que facilita vivenciar os processos produtivos, problemas e suas soluções *in loco*, destaca Silveira et al (p.564). A Lei Federal 11.788/2008 em seu § 2º estabelece o seguinte: o estágio visa ao aprendizado de competências próprias da atividade profissional e à contextualização curricular, objetivando o desenvolvimento do educando para a vida cidadã e para o trabalho.

Na prática, essa legislação regularizou a jornada de trabalho do (a) estagiário (a), a qual não pode superar às 6 horas diárias e 30 horas semanais. Conforme análise feita pela Subseção do DIEESE – Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos da CUT – Central Única dos Trabalhadores,

foi um passo importante para o reconhecimento do estágio como ato educacional, mas também como trabalho.

Frequentemente o estágio é um dos momentos mais esperados na formação dos estudantes, pois estes veem uma oportunidade de se inserirem no mercado de trabalho. O ingresso no mercado de trabalho faz parte das necessidades do trabalhador, e, deve promover o acesso ao saber científico e tecnológico, de maneira que permita ao trabalhador inserir-se, participar e usufruir dos benefícios do processo produtivo, afirma Kuenzer (1997, p. 34). No entanto há que se considerar o uso abusivo do estágio como mecanismo de barateamento dos custos das empresas, uma vez que “deixam de gastar” com encargos trabalhistas e tributários ao utilizar o trabalho dos estagiários, aponta Corrêa (2009). Do mesmo modo, Suga e Santos (2001) analisam o relacionamento empresa/universidade por meio do estágio e apontam:

Em virtude da globalização, a qual implica concorrência ferocíssima e a conseqüente necessidade de corte de custos e aumento da produtividade, muitas empresas veem o estagiário como uma solução, pois é tomado como mão-de-obra barata que pode desempenhar o papel de um funcionário mais oneroso. Diante desse pensamento há a requisição de que o estagiário produza como contratado e experiente, o que é injusto... [...] (p.102)

Por outro lado, os autores citados lembram que, muitos acadêmicos veem o estágio apenas como um “ganha-pão”, cuja pergunta frequente é “quanto se ganha”, em vez de perguntar “quanto se aprende”. Aparentemente pode ser que a empresa e o acadêmico fiquem satisfeitos, o primeiro por obter mão-de-obra barata, e o segundo por conseguir dinheiro para a satisfação das necessidades cotidianas.

Fica desde já informado o leitor, que no sul de Santa Catarina o setor que vem movimentando a economia é o do vestuário, gerando empregos e atividades coadjuvantes como lavanderias, bordados, aviamentos, máquinas e equipamentos, neste sentido, analisa-se como ocorre o trabalho neste segmento.

2.3 O TRABALHO NA INDÚSTRIA DO VESTUÁRIO

Devido às mudanças estruturais de âmbito econômico, político e social, o trabalho assume caráter bastante complexo na sociedade contemporânea. Para analisar essa temática no contexto da produção do vestuário, é preciso retomar as

principais características dessa indústria, como apontam Goularti e Neto (1997): a fragmentação do processo produtivo, o emprego de força de trabalho feminino e o emprego de tecnologias distintas.

A fragmentação do processo produtivo, como citado no primeiro item refere-se aos trabalhos de concepção e execução dos produtos, sendo que a reestruturação produtiva intensificou a cisão desse processo em nível mundial, desta forma a indústria do vestuário apresenta-se como uma rede produtiva, com vários níveis, sendo que o processo de terceirização, leia-se fragmentação, amplia os elos da rede em sua base, amplia a divisão entre os incluídos e excluídos do mercado formal de trabalho. No topo da rede, onde ocorre o trabalho de concepção dos produtos estão os designers, e gerentes de *marketing*. No nível intermediário estão os gestores do processo, na base encontra-se o trabalho de execução: modelagem, costura e acabamento.

O trabalho de modelagem encontra-se entre os elos de concepção e criação, pois trata-se do primeiro passo para a concretização das ideias do designer. Contudo a complexidade das relações: trabalho temporário *freelance*, trabalho assalariado, subemprego, tem precarizado também esta categoria. O setor de modelagem lida com o que é mais precioso para a concretização do produto – o tecido, isto é, a matéria-prima; que representa 40 a 60% de custo do produto final, como apontam Goularti (1997) e Araújo (1996).

No que tange à segunda característica da indústria do vestuário - o emprego da força de trabalho feminino, com o processo de terceirização, intensifica-se a precarização das condições e relações de trabalho especialmente para as mulheres, é o que demonstram os trabalhos de Caleffi (2008) Klein (2002) e Rabelo (1995).

O emprego de tecnologias distintas, terceira característica aqui citada, refere-se à utilização de técnicas e máquinas de diferentes níveis tecnológicos, como aponta Goularti e Neto (1997):

Isso significa dizer que, por exemplo, uma mesma camisa de determinado tecido (no sentido de classificação do produto) pode ser produzida tanto por grandes fabricantes que possuem equipamentos e técnicas modernas, quanto por pequenos fabricantes em plantas pouco atualizadas. Em certo sentido, a heterogeneidade da estrutura industrial brasileira é ampliada pela própria heterogeneidade do mercado consumidor, no qual convivem segmentos de renda, padrões de informação e exigências extremamente diferenciados. (p.55-56)

A indústria do vestuário produz moda; embora esteja longe de um consenso a definição dessa terminologia, no presente estudo optou-se por considerá-la um mecanismo indutor de consumo, de necessidades artificiais, com ciclo de produção-consumo-descarte cada vez mais curtos, o que gera consequências sobre o meio ambiente e valores humanos. A moda acelerada impõe a necessidade de novos modelos, o que aumentam as exigências de formação em modelagem e demais áreas.

No campo das inovações gerenciais, como citado anteriormente, a terceirização na cadeia produtiva, em nível global fragmenta o trabalho, os saberes combinando relações e condições de trabalho precárias com salários baixos. No caso do contexto brasileiro, vem ocorrendo a intervenção formal/jurídica concretizada no âmbito das certificações, são sistemas de acreditação, cujo objetivo é regularizar as condições de trabalho no ambiente fabril e fornecer ao consumidor um produto sem o estigma da exploração.

A certificação caracteriza-se pela existência de uma terceira parte independente entre o produtor e o consumidor que funciona como avalista do produtor ou prestador de serviços diante do mercado.

Em agosto de 1999 foi criada Associação Brasileira do Varejo Têxtil - ABVTEX por empresas do varejo têxtil de grande dimensão, após constatação da carência de uma entidade que efetivamente representasse o setor frente aos órgãos governamentais. A associação tem por norma a ética e o respeito à legislação, apoiando ações que visem à responsabilidade social, à formalização nas relações comerciais e ao combate à concorrência fraudulenta.

O principal objetivo foi desenvolver uma certificação única que permitisse aos varejistas controlar fornecedores e subcontratados a respeito do cumprimento de aspectos relacionados às questões acima descritas, além de estabelecer princípios e critérios para a condução de auditorias na cadeia de fornecimento do varejo, trabalhada em duas vertentes: certificação e monitoramento da cadeia têxtil e capacitação.

Dessas evidências infere-se que o sistema de acreditação por meio da certificação que ora vem ocorrendo, visam regulamentar as relações de trabalho, e reduzir riscos ambientais, É possível afirmar que a acreditação nas organizações faz parte do patamar civilizatório mínimo, para suportar um sistema, onde o poder de

comunicação nas redes sociais é imenso e uma denúncia pode comprometer a imagem das empresas frente a seus consumidores.

A relação entre a formação profissional e o mercado de trabalho acontece a partir da oferta e demanda de profissionais, na região sul de Santa Catarina, a oferta para profissionais modelistas tem sido expressivas, no entanto há que se considerar as condições e relações de trabalho que são oferecidas. No âmbito da formação profissional, os conhecimentos necessários elaboração da modelagem são variados, esse é o assunto do próximo tópico.

2.3 FORMAÇÃO PROFISSIONAL NA ÁREA DA MODELAGEM DO VESTUÁRIO

A indústria de confecção do vestuário, em sua origem empregou um contingente feminino cujos saberes vinham do ofício de costurar em seus lares. Na atualidade, a aquisição do conhecimento sistematizado é uma das formas mais expressivas de inserção no mercado de trabalho, e a educação formal uma exigência da sociedade contemporânea.

A formação profissional de modelistas, frequentemente ocorre em 3 níveis: técnico, graduação e pós-graduação. Inicia-se com a modelagem plana manual, no entanto:

O estudo da modelagem envolve, antes de técnicas e métodos de aplicação específicos, uma observação e compreensão do funcionamento do corpo humano, suas bases anatômicas e biomecânicas e como se dá o cumprimento de suas funções através do movimento de músculos e articulações (HEINRICH, 2005, p.17).

O que tem se observado na atualidade, é que o mercado de trabalho absorve somente trabalhadores que dominam a tecnologia CAD.

O contexto de transformações citado anteriormente repercutiu e continua repercutindo de forma expressiva no mercado de trabalho, nas relações sociais. No âmbito da indústria do vestuário, e em específico os profissionais modelistas o estudo de Caleffi (2008), analisa o caso de uma indústria no sul de Santa Catarina, onde os modelistas que até então realizavam a modelagem manual e não se adaptaram à tecnologia perderam o posto de trabalho para profissionais mais jovens, familiarizados com a tecnologia.

O aumento na variedade de produtos e por consequência, de modelos é uma necessidade na atualidade. Goularti (2005) informa que uma indústria do vestuário situada na região de Criciúma produzia, há cerca de dois anos, 20 peças novas/mês. Atualmente produz cerca de 90 peças novas/mês; portanto, a criação e o descarte estão cada vez mais próximos, e a redução no tempo de produção corresponde à redução no tempo de consumo.

Esse contexto exige dos profissionais da área de modelagem domínio de técnicas variadas de modelagem, e frequentemente podem ser usadas várias ao mesmo tempo, contudo a mais expressiva é a elaboração da modelagem informatizada, que agiliza o processo. Há que se considerar que a moda atual exige detalhes como recortes, bolsos, o que torna a elaboração da modelagem, trabalho mais exigente e complexo, e, dada a velocidade de informações e por consequência o processo produtivo, é bastante frequente que o contexto de trabalho seja um ambiente de estresse e fadiga laboral.

Silveira et al (2013) analisa a formação dos profissionais do setor de modelagem do vestuário da região do vale do Itajaí–SC, e concluem que o processo de capacitação e aprendizagem devem ser constantes. Do ponto de vista educacional, a pesquisa revela que as instituições que oferecem curso superior, não habilitam para a modelagem:

Os cursos de moda do Estado de Santa Catarina não oferecem habilitação em modelagem, são geralmente voltados para o design de moda. As disciplinas de modelagem fazem parte da grade curricular destes cursos, não sendo, contudo, seu foco principal, mesmo sabendo que estes profissionais são os mais procurados pelas empresas do vestuário. Muitos alunos se tornam modelistas pelas oportunidades de trabalho que o mercado oferece (p.564).

Neste sentido, a pesquisa aponta a inserção expressiva no mercado de trabalho, 58% de profissionais oriundos dos cursos técnicos, o que confirma a necessidade de formação de força de trabalho na área específica da modelagem.

Em analogia com essa pesquisa, é possível inferir que, na região Sul catarinense, a inserção ocorre com profissionais em nível de graduação, uma vez que o curso de Tecnologia em Design de Moda coloca no mercado de trabalho cerca de 40 profissionais anualmente, destes, uma parte vão atuar na modelagem, outra parte na área de gestão e empreendedorismo e outra parte na área do design como evidencia o estudo de Felipe (2009).

No Sul de Santa Catarina, devido à vocação regional de produção de *jeans*, os conhecimentos de modelagem para esse segmento são específicos, abrangendo processos industriais de lavanderia, e matéria-prima.

Com frequência é utilizado como critério, 1 *botton* para cada 3 *tops*, ou seja para cada peça que veste o corpo da cintura para baixo, é necessário 3 peças que vistam a parte superior do corpo – o tronco.

Fica desde já esclarecido que o ambiente de trabalho do profissional modelista, exerce influência sobre a qualidade do produto. Nos aspectos físicos o ambiente deve ser limpo, arejado, bem iluminado, nos aspectos subjetivos deve ser um ambiente agradável onde haja interação entre os trabalhadores. O próximo item aborda a modelagem realizada na indústria de confecção.

2.3.1 Características da modelagem industrial

A modelagem industrial caracteriza-se pela padronização, isto é, um mesmo molde serve de “fôrma” para o corte de peças que podem vestir um número infinito de pessoas, enquanto a modelagem personalizada tem sua utilização restrita para uma única pessoa. Para que isso seja possível, é necessário a utilização de tabela de medidas, na confecção de bases de modelagem.

Após a elaboração das bases de modelagem, é realizada a interpretação do modelo, em seguida o processo de gradação, Araújo (1996, p. 131) explica que: a gradação é o processo pelo qual uma série consecutiva de tamanhos de moldes de vestuário é produzida a partir dos moldes da amostra. A amostra original, da qual se obtém os outros tamanhos, é normalmente referida por tamanho base, frequentemente o tamanho 42. A modelagem industrial é realizada a partir de uma tabela de medidas.

Embora seja assunto polêmico e longe de um consenso, a ABNT, Associação Brasileira de Normas Técnicas instituiu a NBR – Norma Brasileira 13.377 que estabelece medidas normativas referenciais mínimas do vestuário. Matias (2009) analisa a adoção dessa norma nas indústrias da região de Criciúma e revela que há muito tempo os clientes vêm reclamando das várias diferenças entre as numerações, alguns consumidores até deixam de comprar, por ser um processo

de provas complicado e demorado. Seu estudo revelou que 60% dos lojistas da região nunca ouviram falar a respeito da NBR 13.377, no momento da sua pesquisa.

A ABNT cancelou esta norma em 24/04/2012, alegando incompatibilidade técnica entre as modas masculina, feminina e infantil, e informou que a mesma será substituída, no entanto, o que se tem observado, é que a mesma, continua sendo uma referência para algumas empresas, que comparam as medidas de seu público com as da norma e fazem adaptações. A padronização de tamanhos se faz necessária por uma questão bastante contemporânea; o crescimento do comércio via internet.

A modelagem industrial insere-se na problemática voltada à antropometria, há muita diversidade antropométrica no Brasil, sobre suas especificidades, há que se considerar:

Os moldes industriais exigem cuidados, como as marcações das larguras das costuras, indicações nos moldes das posições dos bolsos, botões, casas, pences, zíperes, etc., indicação da direção do fio do tecido e outros detalhes necessários para a realização do corte (SILVEIRA, et al., 2013, p.554).

Outro aspecto a ser observado é que, hábitos alimentares, sedentarismo e cirurgias plásticas alteram medidas e repercute na tabela de medidas, do mesmo modo, a grande variedade de tecidos no mercado exige a adaptação dos moldes, pois além da expressão criativa a modelagem requer exatidão nas medidas.

A região Sul de Santa Catarina é conhecida nacionalmente pela produção de *jeans*, na elaboração de modelagem para esse artigo é necessário calcular o encolhimento, pois cada tipo de artigo e lavagem produz um grau de encolhimento.

O processo produtivo na indústria ocorre em etapas, sendo a modelagem, na atualidade, executada com auxílio da tecnologia CAD. Com a modelagem concluída é realizada o protótipo, isto é, a confecção da primeira peça, pelo setor de prototipagem. Então é verificado o caimento e a vestibilidade idealizado pelo *designer*. Nessa etapa a roupa pode ser aprovada para reprodução, ou reprovada, ou ainda necessitar de ajustes. Para Sabrá (2009, p.73) cada protótipo precisa ser tecnicamente analisado para o estudo de sua viabilidade, considerando também a redução de custos acarretados em processo. É frequente, nas empresas, a confecção de apenas dois ou no máximo três protótipos da mesma modelagem, ou seja, é realizado duas ou três tentativas, se o modelo não está atendendo as

necessidades de vestibilidade, então é descartado.

É comum, *designers* fazerem pesquisa de moda no exterior, especialmente em países da Europa e trazerem algumas peças para reprodução e, quando não há conhecimento técnico para elaboração da modelagem, descostura-se a roupa, para então colocar as partes sobre o papel e “extrair” o molde. Esse procedimento pode comprometer tanto a vestibilidade quanto o processo de montagem.

Como a vocação regional no sul de Santa Catarina é voltada para o segmento *jeanswear*, a elaboração da modelagem exige conhecimento de todo o processo produtivo para a obtenção de um produto com qualidade. Os conhecimentos abrangem máquinas, tecnologias nos processos de beneficiamento, percentual de encolhimento e técnicas artesanais em lavanderias. No aspecto da modelagem, o conhecimento da composição da matéria-prima, é determinante na qualidade do produto, pois as inserções de folgas podem variar de acordo com a mesma, Silveira (2012) aponta que a modelagem de calça é a que mais vem apresentando dificuldades de ser realizada pela indústria, pois, este produto recebe beneficiamento de lavanderia, o que causa mudanças de medidas.

Atualmente observa-se a abertura de vaga no mercado de trabalho para um novo profissional – o designer de superfícies, cuja atribuição incide diretamente sobre o acabamento do produto, tanto no aspecto técnico (etiquetas de tamanho, cuidados, composição para orientar o consumidor na conservação do produto) quanto no aspecto conceitual – realização de rasgos, puídos, definição de aplicações, bordados que atribuem valor estético e subjetivo ao produto. Eusébio (2012), analisa a otimização de matéria-prima, em artigos *jeanswear* realizada em encaixe automático e interativo e descreve o processo de produção, ressaltando que:

As etapas de desenvolvimento do produto *jeanswear* são semelhantes às de outros produtos, no entanto, a principal diferença é que para chegar a um bom resultado, o designer precisa conhecer as variações de lavagens que os tecidos oferecem e os detalhes de aviamentos e linhas [...]. É válido ressaltar que o tecido cru (antes de lavar) tem um aspecto bem diferente daquele obtido após os processos de lavanderia. Ao criar um modelo, o designer precisa ter a capacidade de prever o resultado almejado, ou as possibilidades de efeitos (p.34).

A indústria do vestuário utiliza a modelagem plana, especialmente elaborada com auxílio da tecnologia, esse é o assunto do próximo item.

2.3.2 Modelagem Plana - bidimensional

Essa técnica trabalha com duas dimensões: o comprimento e a largura. O volume e concavidades são obtidos por meio de pences. A modelagem plana pode ser manual ou informatizada. Para a realização da modelagem plana manual, é necessário lápis, papel, borracha, réguas, enquanto o processo informatizado exige *softwares* específicos: Audaces, Investrônica, Gerber e outros. Fischer (2010) aborda várias técnicas de construção do vestuário e destaca as ferramentas e equipamentos necessários à elaboração da modelagem plana:

Quadro 01 - Ferramentas para modelagem plana

Alicata de molde	É usado somente em molde de papel ou plástico para identificar os piques ou pontos de junção.
Alfinetes	Servem para fixar temporariamente pedaços de papel ou tecido
Carretilha	É empregada para transferir de forma direta, as linhas de um molde para outra superfície abaixo dele.
Curvas francesas	São réguas utilizadas para traçar curvas estreitas, como as encontradas em golas e bolsos.
Esquadro	Trata-se de uma régua triangular de ângulo reto, usada para desenhar linhas principalmente de 90 e 45 graus.
Fita métrica	É um item indispensável usado para tirar as medidas do corpo. Sua flexibilidade permite medir também linhas curvas.
Giz de alfaiate	O giz de alfaiate é um dos modos de riscar ou transferir o molde para o tecido
Perfurador	É empregado na marcação da posição de pences, bolsos e outros pontos no molde. O perfurador permite fazer um furo de 2 mm a 4 mm – a posição do furo pode então, ser marcada com giz sobre o tecido.
Tesoura de papel	É utilizada somente para cortar papel, preservando assim, as lâminas afiadas.

Fonte: Fischer (2010, p. 12-13)

Além dos materiais citados, é importante um ambiente limpo, sem ruídos com mesa grande e cadeira adequada, contudo é preciso esclarecer que, esses materiais se fazem necessários para quem realiza a modelagem manual, em especial aqueles que vão aprender, pois na indústria é possível inferir que na atualidade predomina a modelagem informatizada, com auxílio do computador.

No sistema CAD é possível realizar a gradação automaticamente com as medidas da tabela utilizada pela empresa, controlando ângulo e distâncias entre as partes de molde, definidas pelas regras no sistema. Também é possível gerenciar as alterações necessárias de piques e margens de costura, e calcular as alterações nos

moldes em função de percentuais de encolhimento previsto para cada tipo de tecido. Também o encaixe dos moldes pode ser feito de forma automática ou interativa, sempre visando à obtenção de maior aproveitamento de matéria-prima.

A modelagem manual resulta em partes em papel, por isso, é necessário arquivar de maneira organizada, incluindo em cada parte: anotações como referência, data, nome do modelista. Os moldes devem ser perfurados e amarrados para ficar estendidos na vertical. Esse procedimento exige espaço físico adequado. E frequentemente, grande quantidade de resíduos.

Os moldes planos partem na indústria de medidas padronizadas. Na elaboração da modelagem para artigos em denim, o procedimento a ser adotado é o teste de lavanderia em bandeiras. São recortados quadrados medindo 40 cm, que são enviados às lavanderias para o teste, quando retornam, são medidos para calcular o percentual de encolhimento e então adicionar ao molde. Cechinel (2012) elabora padronagens de lavanderia para indústrias de confecção e afirma que algumas empresas possuem em seus arquivos no sistema CAD de modelagens as bases para cada padronagem de lavanderia separadas pela composição de tecido, assim mesmo com o surgimento de tecidos novos, e mesmo com variação quanto aos aspectos físicos, fica mais fácil fazer pequenos ajustes do que partir de uma base totalmente nova sem que já tenha sido produzido algum lote.

2.3.3 *Moulage* - Modelagem tridimensional

Essa técnica é denominada *draping* ou *moulage*, e caracteriza-se pela execução de moldes com três dimensões: largura, comprimento e profundidade. Para tal é realizada sobre um manequim com marcações de largura e comprimento. Utilizam-se fitas de *soutache* vermelho para linhas verticais (comprimento) e azuis para linhas horizontais (largura).

Essa técnica é característica da alta-costura e ateliês, no entanto, a indústria vem utilizando a *moulage* na obtenção de bom caimento, Silveira et al (2013) afirma que no Brasil, é recente o interesse dos profissionais da moda e das empresas do vestuário por essa técnica. Há que se considerar que a diversidade de tecidos presente no mercado, proporciona diferentes caimentos.

Silveira et al (2013) ressalta que é preciso aplicar corretamente a técnica para produzir diretamente o modelo, e o transporte de pence é mais complicado na

modelagem plana. Essa técnica é muito utilizada para obtenção de drapeados. A *moulage* estimula a criatividade de formas, transporte de pences e a observação da estética.

[...] a grande vantagem de sua inserção no processo industrial é a possibilidade da liberação da criatividade durante o desenvolvimento da modelagem do vestuário. Esta técnica facilita o exercício da criatividade, a flexibilidade de ideias e sensibilidade, para criar peças inovadoras e originais, podendo provocar mudanças no desenvolvimento de novos produtos que surgem, a partir das tendências de moda e das pesquisas captadoras dos desejos e necessidades do consumidor (SILVEIRA et. al , 2013, p.11).

Todavia, é preciso ressaltar que, como o trabalho industrial é fragmentado, a possibilidade de criação do modelista pode ficar limitada, uma vez que a tarefa de desenvolvimento e criação dos produtos é função do designer, contudo quando há interatividade entre designer e modelista, o resultado pode ser bastante favorável. Há que se destacar neste estudo que a grande variedade de tecidos à disposição no mercado, proporciona caimentos diferentes, o que exige que o processo de *moulage* seja efetuado com o tecido que se pretende. Outro aspecto a ser considerado é que essa técnica gera resíduo têxtil, juntamente com o setor de corte da empresa, neste sentido, é importante um sistema de gestão empresarial que contemple a reciclagem, o reaproveitamento ou um destino correto para esse resíduo.

Para os drapeados os tecidos mais indicados para esta técnica são os tecidos leves que proporcionam movimento, como: chiffon, cetim, musseline, jérsei, organza. Peças em viés ficam melhores com a utilização da *moulage*, pois permite moldar o tecido na forma do corpo e verificar como a roupa se movimenta.

2.3.4 Modelagem: considerações da atualidade

A área do conhecimento que abriga a modelagem do vestuário é o design. No Brasil, como os cursos superiores de moda são relativamente recentes, é recente também a pesquisa e produção literária na área da modelagem, até então os cursos e professores utilizam obras traduzidas. No cenário internacional vem ganhando destaque as técnicas japonesas de Tomoko Nakamichi e Shingo Sato. O trabalho do primeiro está expresso em obras de modelagem contemporânea traduzida para diversos idiomas. Shingo Sato ensina sua técnica em *workshops*,

pelo mundo, batizada de TR Design, que pode ser traduzida como Reconstrução Transformacional, onde combina fundamentos de modelagem com a tradição do origami japonês, proporcionando a construção de peças de expressivo volume, drapeados e formas elaboradas.

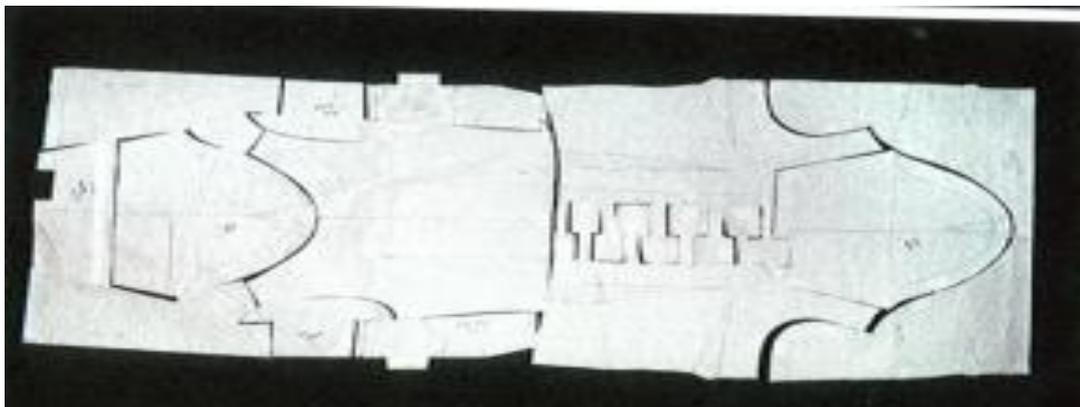
Outro aspecto que vem suscitando debate na área do design é o conceito de sustentabilidade, as autoras Fletcher e Grose, (2011) incitam a pensar o produto em seu ciclo: como é feito, usado e descartado, alertam para o impacto no meio ambiente, e tornam visíveis aspectos ocultos do sistema produtivo de roupas, abordando as implicações sobre a água, a qualidade do ar, a toxidade do solo, a saúde das pessoas e dos ecossistemas, por exemplo, o cultivo de fibra têxtil natural como o algodão, consome grande extensão de terra, fertilizante, pesticida e água irrigada desviada de leitos de rios.

No aspecto produtivo, as autoras apresentam técnicas de corte de molde sem sobras, como forma de redução de resíduos na sala de corte:

[...] consiste em remodelar a forma e o tamanho das partes do molde de modo que se encaixem umas às outras. Seus moldes horizontais e as roupas resultantes têm forma levemente alteradas, porque o tecido que seria desperdiçado no corte é parte integrante da indumentária. Isso aumenta efetivamente a quantidade de material usado no design de uma roupa, sem elevar o custo. (p.48)

A imagem que segue retrata essa técnica, como o leitor pode observar, as partes que se repetem são cortadas em espaços negativos do leiaute do molde.

Figura 01– Técnica de corte de molde sem sobras



Fonte: Fletcher e Grose (2011, p. 45)

Embora a terminologia - “técnica”, empregada neste estudo, refira-se à ao procedimento na modelagem, enfatiza-se que seu emprego faz parte de uma filosofia e/ou comportamento cujo objetivo é o combate ao desperdício, não apenas no âmbito fabril, mas social, pois abarca reflexões acerca do consumo exagerado que a moda impõe, com consequências para o meio ambiente e a humanidade.

A figura que segue é resultante da modelagem explicitada acima.

Figura 02 – Jaqueta Low to no waste de Sam Forno



Fonte: Fletcher e Grose (2011, p. 45)

O conceito de sustentabilidade na moda origina-se da percepção e reflexão de uma sociedade pautada no consumo, pois, convive-se com a obsolescência planejada, onde a tecnologia aliada às técnicas de racionalidade produtiva proporciona rapidez ao ciclo – produção, consumo-descarte.

O conceito de sustentabilidade caminha na mesma direção de um novo conceito de qualidade, qualidade, passa a significar não apenas o produto bem feito, mas como foi feito, alertam as autoras.

Com este tópico encerra-se a parte teórica do estudo. A pesquisa bibliográfica apontou mudanças drásticas no mundo do trabalho, atingindo os trabalhadores da indústria do vestuário de forma contundente, devido à fragmentação do trabalho, com foco na expansão crescente das novas racionalidades que incluem tecnologias e gestão do trabalho para a aceleração da

produção e a o aumento da produtividade, na vertente oposta, estão autores que incitam a refletir o consumo exagerado e apresentam propostas para a desaceleração no consumo. Autores que apresentam as técnicas de modelagem revelam a necessidade de constante aperfeiçoamento profissional. O leitor segue agora para o terceiro e último capítulo, onde encontra o campo empírico, os dados e análise da pesquisa, os limites e as possibilidades do estudo.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

Os procedimentos metodológicos da pesquisa caracterizam-se pelo emprego do método quantitativo com abordagem exploratória e descritiva, realizada através de pesquisa de campo. Neto (2000, p. 51), afirma:

[...] o trabalho de campo se apresenta como uma possibilidade de conseguirmos não só uma aproximação com aquilo que desejamos conhecer e estudar, mas também de criar um conhecimento, partindo da realidade presente no campo.

A pesquisa de campo ocorreu junto aos modelistas com a aplicação do questionário como instrumento de coleta de dados realizado com egressos que estão atuando em empresas da região sul de Santa Catarina.

Com esta forma de investigação, obtiveram-se informações ricas em pormenores descritivos dos modelistas egressos do curso Superior de Tecnologia em Design de Moda.

3.1 DELIMITAÇÃO E LIMITAÇÕES DA PESQUISA

A limitação da pesquisa considera as características da amostra, que envolveu somente egressos do curso superior de Tecnologia em Design de Moda e neste contexto, optou-se em enviar o questionário a egressos formados nos anos de 2011, 2012 e 2013, via correio eletrônico, portanto não foi possível ter a garantia de quantos egressos responderiam, sendo esta uma limitação da pesquisa.

3.1.1 Coleta dos Dados

No dia 31/08 foi realizado uma pesquisa piloto com acadêmicos do curso de pós-graduação em Modelagem do Vestuário, oriundos do curso de Tecnologia em Design de Moda, que estão exercendo a profissão de modelistas. Foram aplicados 10 questionários, em sala de aula, durante a aula de Metodologia da Pesquisa, com autorização do professor; sendo que 9 retornaram. O questionário aplicado é o que consta no Apêndice 1, deste trabalho. Esse procedimento foi realizado com o intuito de averiguar e analisar a adequação das questões. Das 14 questões do questionário piloto, 9 foram tabuladas e analisados.

A pesquisa de campo, realizada pela coleta de dados através do questionário reestruturado com fundamento no questionário piloto, constituído por entrevista semi-estruturada, direcionado aos acadêmicos egressos de nível superior formados nos anos de 2011, 2012, e 2013, totalizando 123 formados. Justifica-se este recorte devido ao fato desta pesquisa ter início no final de 2013, e a escolha de egressos formados em média há três anos para entender como foi o processo de inserção destes no mercado de trabalho. Optou-se pelo questionário eletrônico, por considerar adequado aos objetivos da pesquisa. O período da realização da coleta de dados foi de 01/11/2013 a 20/11/2013.

3.1.2 População e amostra

Foram pesquisados egressos formados nos anos 2011, 2012 e 2013 no curso de Tecnologia em Design de Moda, com questionário enviado por correio eletrônico. Os dados foram tabulados em gráficos, de acordo com a pesquisa, a qual se encontra no capítulo três do presente estudo. Neste período, 123 acadêmicos concluíram o curso.

3.1.3 Etapas da pesquisa de campo

- 1 - Organização do questionário segundo os objetivos da pesquisa;
- 2 - Aplicação do questionário piloto com os acadêmicos do curso de Pós-graduação em Modelagem do Vestuário SENAI/UNESC. (ver apêndice 01)
- 3 - Tabulação e análise dos dados e da adequação das questões aos objetivos da pesquisa.
- 4 - Reformulação do questionário. (ver apêndice 04)
- 5 - Foi solicitada à secretaria da instituição a relação de e-mails dos acadêmicos formados nos anos de 2011, 2012, e 2013.
- 6 - No mês de novembro de 2013, foi enviada correspondência eletrônica informando os objetivos da pesquisa e a quem se dirige. (ver apêndice 03)
- 7 - Na semana seguinte foi enviado documento com o questionário no mesmo *e-mail* daqueles que retornaram confirmando que estão exercendo a atividade de modelagem, ou auxiliar e concordaram em participar da pesquisa.
- 8 - Foram enviados 123 e-mails, dos quais 18 retornaram, 16 concordaram em participar e 02 declararam que não estão exercendo a atividade, portanto não

responderam ao questionário. Fica esclarecido que, do total de egressos dos anos citados, não se sabe o número daqueles que foram atuar na área da modelagem.

9 - As respostas foram organizadas, e tabuladas em gráficos no *software* Excel, com exceção de 3 questões, cujas respostas foram transcritas na íntegra, e os questionários respondidos arquivados;

10 - A pesquisa de campo foi concluída em 20 de novembro de 2013.

4 PESQUISA DE CAMPO

Para que a pesquisa de campo fosse realizada, fez-se necessário buscar dados e informações à respeito do município e da instituição

4.1 CONTEXTO DA REGIÃO SUL DE SANTA CATARINA

Segundo as estatísticas do IBGE de 2013, Criciúma conta com 206.395 habitantes, sendo a cidade mais populosa do Sul Catarinense, a quinta maior do estado de Santa Catarina. Está entre os cem municípios do Brasil com o melhor Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), calculado como de 0.788 em 2010. A cidade é pólo industrial em diversos setores, entre eles: confecção, embalagens, cerâmico, plásticos e descartáveis, metal mecânico, extração do carvão mineral, construção civil e material gráfico. Colonizada por italianos, a cidade recebeu também poloneses, alemães, portugueses e árabes em diversas fases do seu desenvolvimento.

Durante muito tempo Criciúma foi conhecida como a capital nacional do carvão, devido à extração de carvão mineral, contudo, a partir da década de 1980, essa atividade inicia um processo de crise, devido à entrada do carvão importado e à redução de subsídios governamentais. Muitos mineiros ficaram desempregados, estimam-se cerca de 10 mil demissões, paralelo a essa situação, as esposas que, por influencia histórico-cultural eram presenteadas com uma máquina de costura ao se casarem, e, portanto dominavam a habilidade da costura, começaram a costurar em garagens e fundo de quintal para auxiliar no sustento da família. Com o dinheiro do fundo de garantia dos maridos, a atividade de costura foi implementada com novas máquinas e matéria-prima, desta forma, a esposa produzia as peças enquanto o marido ficava na incumbência das vendas e assistência com as máquinas.

Essa forma de produzir deu origem às facções, pois o pequeno empreendimento atendia empresas do estado de São Paulo, detentoras de marcas expressivas. Empresas do Rio Grande do Sul, também instalaram facções na região sul de Santa Catarina devido à força de trabalho feminino ser abundante e barata. No final da década de 1990, algumas empresas tornaram-se expressivas e

começaram a contratar designers de São Paulo numa tentativa de sair da condição de prestadores de serviço, para produzir a própria marca. Foi então que, no ano de 2000 teve início o curso de Tecnologia em Moda e Estilo, hoje Design de Moda. A região Sul de Santa Catarina abriga micro e pequenas empresas de confecção, sendo as maiores: La Moda, Dopping e Damyller.

Na atualidade, o setor do vestuário no Sul de Santa Catarina apresenta vários segmentos, no entanto destaca-se o *jeanswear*, cuja matéria-prima é o denim, em sua origem composto por algodão e tingimento com uma planta de nome *índigo*. Goularti e Neto (1997) apontam o Sul de Santa Catarina Norte do Paraná e sul de Minas Gerais como os maiores pólos produtores de *jeans* do Brasil. Neste contexto, destacam-se setores da economia que implementam a produção: lavanderias, bordados, serigrafia, uma vez que o *denim* necessita de processos após a costura.

Faz-se necessário relacionar o contexto regional do sul de Santa Catarina com o contexto nacional abordado na fundamentação teórica desse estudo. Várias empresas instalaram-se fora do raio de atuação dos sindicatos, onde encontravam força de trabalho feminina oriunda do meio rural, mais dócil e barata, como informam Goularti e Neto (2007) Na atualidade não existe piso salarial para o profissional modelista, segundo informações do Sindicato dos trabalhadores da Indústria do Vestuário de Criciúma e Região.

4.2 A INSTITUIÇÃO DE ENSINO

O curso superior de Tecnologia em Design de Moda é oferecido pelo SENAI Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial, em parceria com a UNESC - Universidade do Extremo Sul de Santa Catarina, sendo que as aulas ocorrem no SENAI, o qual possui estrutura física: laboratório de informática, de corte, costura, biblioteca, tecidoteca e a parte documental, a secretaria acadêmica é realizada na UNESC.

Por se tratar de uma cidade pólo – Criciúma recebe jovens das pequenas cidades circunvizinhas como: Içara, Forquilha, Nova Veneza, Urussanga, Orleans, Sombrio e até mesmo de Torres, cidade do rio Grande do Sul, desta forma a instituição colabora na dinâmica demográfica

4.3 O CURSO SUPERIOR DE TECNOLOGIA EM DESIGN DE MODA

O Curso de Tecnologia em Design de Moda foi criado originalmente com o nome de Tecnologia em Moda e Estilo. A partir das necessidades regionais de *designers* para a indústria de confecções, uma vez que o mercado encontrava-se em transição: os faccionistas queriam deixar de serem apenas produtores para tornarem-se proprietários das marcas,

Foi com base nessa nova necessidade das indústrias de confecção da região Sul catarinense, que o SENAI de Criciúma elaborou juntamente com a UNESCO o projeto do Curso de Tecnologia em Moda e Estilo, sendo que a primeira turma iniciou no primeiro semestre de 2000. Neste ano, as atividades de educação do SENAI de Criciúma eram desenvolvidas dentro das dependências da SATC, motivo pelo qual o nome desta instituição ter sido incluído na parceria do curso até final de 2007 (FELIPE, 2009).

Somente com o Parecer CNE/CE Nº 436/2001 que trata de cursos superiores de Tecnologia – Formação de Tecnólogos é que as instituições passaram a ter uma orientação para elaboração dos cursos de tecnologia. O Parecer define em linhas gerais as características de cada área profissional e a carga horária mínima para realização dos cursos.

O curso de Tecnologia em Design de Moda habilita para atuação profissional na área de desenvolvimento de produto, o que inclui a modelagem. Nessa direção questiona-se como foi o processo de formação, em específico a modelagem, considerando a análise das competências a serem desenvolvidas e que estão contempladas na grade curricular.

Quadro 02 – Matriz curricular de modelagem

2ª FASE 2 créditos	Introdução a Modelagem do Vestuário	Conhecer tabela de medidas, masculinas, femininas e infantis. Normas técnicas relacionadas à tabela de medidas do corpo humano. Processos e vocabulários utilizados na modelagem. As formas do corpo humano. Visão antropométrica utilizando o manequim. Transposição do tridimensional para o plano bidimensional. Ergonomia de concepção, correção e conscientização aplicada ao vestuário.
3ª FASE 4 créditos	Modelagem do Vestuário I	Traçar base de modelagem feminina. Interpretação de Modelos do vestuário. Identificação de Moldes: piques, tamanho, referência, fio e nomenclatura.

		Graduação de Moldes.
4ª FASE 4 créditos	Modelagem do Vestuário II	Traçar bases de modelagem Masculina e alfaiataria. Interpretação de Modelos do Vestuário. Identificação dos modelos. Graduação de moldes.
5ª FASE 4 créditos	Modelagem do Vestuário III	Traçar bases de modelagem infantil. Interpretação dos modelos. Identificação de moldes. Estudo das pences.
5ª FASE 2 créditos	Modelagem do Vestuário Informatizada	Introdução aos conhecimentos básicos de <i>software</i> - CAD (<i>Computer Aided design</i> – Projeto Assistido por Computador), específico para modelagem do vestuário. Utilização das funções e ferramentas do sistema para desenvolver bases do vestuário. Interpretação de modelos do vestuário. Graduação. Digitalização. Encaixe e impressão.
6ª FASE 2 créditos	Modelagem do Vestuário IV	Modelagem tridimensional - <i>moulage</i> A relação entre técnica, corpo e criatividade. Origem, aspectos e uso no processo industrial. Execução da técnica com o uso de bustos de costura. Construção do corpo básico, reto e modelado. Preparação dos moldes.

Fonte: Pesquisa de Campo (2013)

Fica desde já esclarecido que o curso atende no período noturno, desta forma coaduna com a fundamentação teórica, no sentido de expressar a necessidade de inserção no mercado de trabalho, antes da aquisição do conhecimento formal em nível de graduação.

4.4 O SETOR DE ESTÁGIO

O estágio curricular faz parte do projeto pedagógico do curso; é obrigatório e ocorre na 7ª fase do curso. A carga horária total do curso é de 2.520 horas, incluindo 360 horas de estágio, nesta fase os acadêmicos podem optar pelas seguintes áreas: modelagem, gerência de produção, controle de qualidade, desenvolvimento de produto, comunicação e marketing.

Assim, na 7ª fase o aluno terá passado por todas as fases do processo de ensino e aprendizagem e poderá aplicar seus conhecimentos no ambiente empresarial. Nesse momento o acadêmico é acompanhado por um professor, que irá orientá-lo em seu relatório de estágio.

Nesta etapa do curso o aluno terá condições de atuar em uma empresa,

seja fazendo a intervenção, ou apresentando propostas de melhoria em algum setor da empresa, ou ainda criar e produzir um produto. O relatório de estágio é o resultado de sua aprendizagem, quando concluído, é apresentado à comunidade e banca avaliadora.

O setor de estágio da instituição recebe com frequência solicitações das empresas para o preenchimento de vagas no setor de modelagem, mesmo assim, observa-se no quadro abaixo, que poucos acadêmicos fazem o estágio curricular neste segmento.

Quadro 03 – Estágio curricular

ANO	QUANTIDADE DE RELATÓRIOS DE ESTÁGIO NO SETOR DA MODELAGEM
2011	02
2012	03
2013	03

Fonte: Pesquisa de Campo (2013)

Como foram 16 os respondentes da pesquisa, é possível inferir que os acadêmicos fazem o estágio curricular em outro segmento, no entanto, o mercado de trabalho oferece a oportunidade de ingresso no setor da modelagem. A pesquisa de campo procurou averiguar a contribuição do setor de estágio para o ingresso no mercado de trabalho, essa questão está tabulada e analisada nas páginas que seguem o estudo, abaixo três depoimentos:

No meu caso não contribui, pois já trabalhava na empresa quando estava cursando a faculdade. (questionário nº 07).

Sim, sim foi através dele que ingressei no mercado de trabalho (questionário nº 12).

[...] o maior aprendizado obtive durante o estágio, após o estágio consegui a vaga (questionário nº 16).

O que vem se observando é que a modelagem é considerada uma unidade curricular não atraente para os que ingressam no curso, a ideia de trabalhar no setor de criação, desenhando roupas, viajando para a Europa em busca de

tendências, ainda predomina entre os jovens. A autora do presente estudo recorda que, o início do curso, os acadêmicos criaram uma comunidade nas redes sociais, intitulada “eu odeio modelagem”, onde se compartilhava experiências das aulas de modelagem e o quanto as réguas eram complicadas – na perspectiva do acadêmico.

4.5 PERFIS DOS EGRESSOS

A graduação em Tecnologia em Design de Moda é voltada especificamente para a indústria de vestuário, sendo assim, o conhecimento geral, desde o processo de criação até o produto acabado é o eixo principal do curso. O PPP – Projeto Político Pedagógico do curso em questão prevê que o aluno deverá ter competências para: pesquisar tendências aspectos mercadológicos e de consumo, considerando fatores sócio históricos, culturais, estéticos, ergonômicos e produtivos, para elaborar e gerenciar projetos desenvolver produtos de moda de acordo com as normas técnicas de segurança e de sustentabilidade.

A análise realizada sobre a Resolução CNE/CEB Nº 04/99, revela que o profissional de modelagem se enquadra na área profissional do *design*, que possui entre suas características a pesquisa de linguagem, estilos, ergonomia, materiais, processos e meios de representação visual. A modelagem incorpora todas essas características. Por tratar-se de uma área bastante específica o que se tem observado é que alguns acadêmicos, primeiramente fazem o curso Técnico em Modelagem para depois ingressarem no curso Superior, uma vez que o mercado de trabalho proporciona vagas na modelagem. O NDE – Núcleo de Docentes Estruturantes vem reformulando o documento acima citado (PPP) no sentido de adequar a formação às necessidades da indústria.

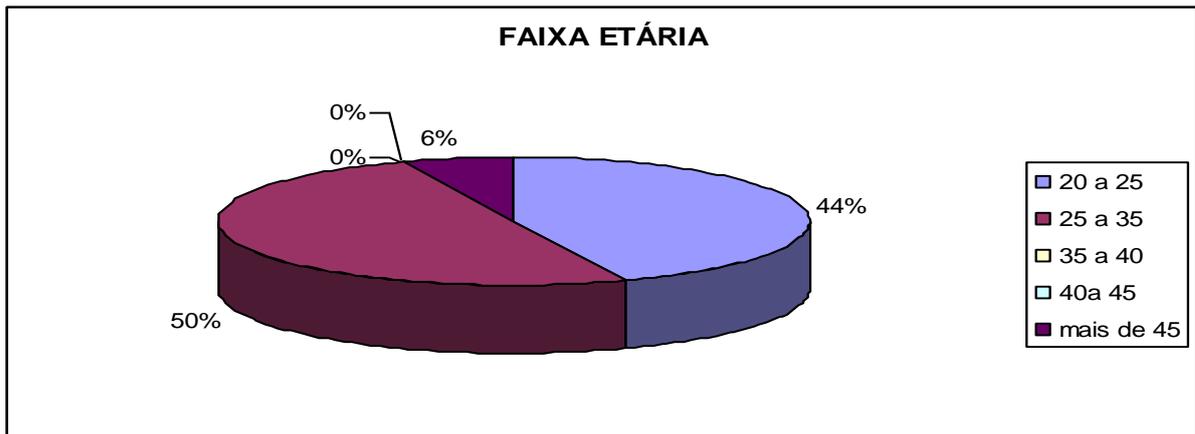
4.6 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS DA PESQUISA

Os dados a seguir foram obtidos com o questionário enviado por comunicação eletrônica, e possui 12 questões, das quais 9 foram tabuladas, em gráfico no *software* Excel, em 3 questões, os dados foram transcritos sem os gráficos, e em 2 questões foi inserido gráfico e transcrição de algumas respostas.

4.6.1 Faixa etária

A pesquisa revelou (GRÁFICO 1) que 50% dos egressos encontra-se na faixa etária dos 25-35 anos, 44% possui entre 20 e 25 anos, e apenas 1 acadêmico com mais de 45 anos. Indicando um percentual bastante jovem na profissão de modelista, 94% possuem menos de 36 anos de idade.

Gráfico 01 – Faixa etária

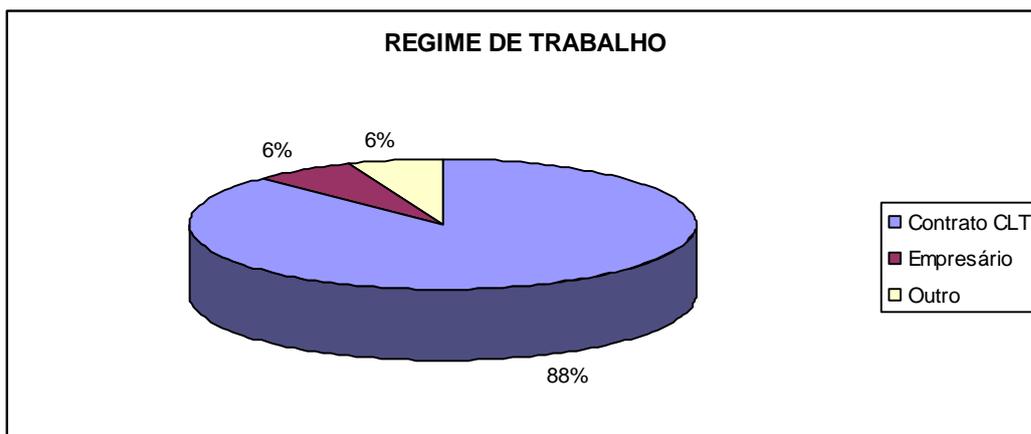


Fonte: Pesquisa de Campo (2013)

4.6.2 - Regime de trabalho

Dos 16 acadêmicos que responderam, 1 é empresário, 1 atua na área docente e o restante (14) são trabalhadores em regime CLT. Esses dados indicam uma estabilidade profissional, e corrobora com a análise de que o setor de modelagem é estratégico para a empresa, permanecendo em sua planta fabril enquanto terceiriza a etapa da montagem das peças

Gráfico 02 – Regime de trabalho

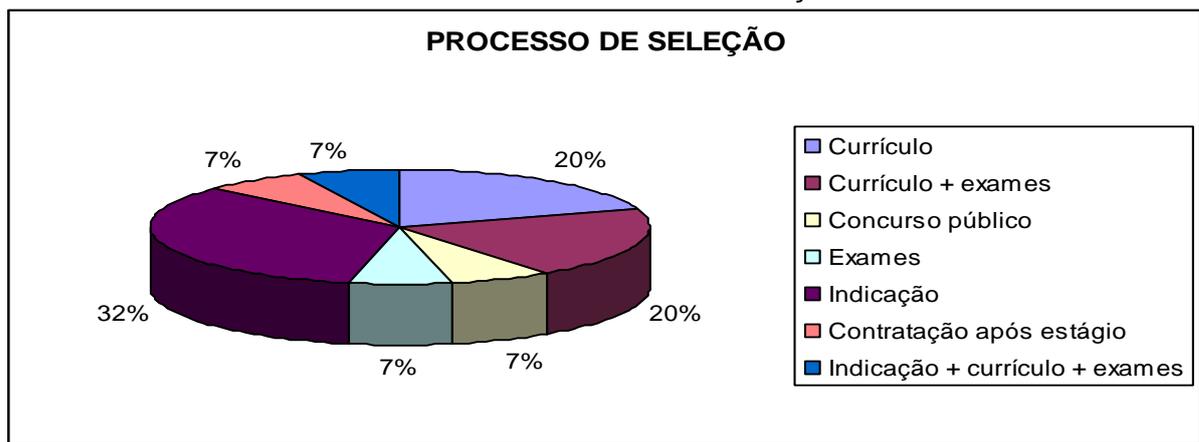


Fonte: Pesquisa de Campo (2013)

4.6.3 Processo de seleção

A terceira questão procurou conhecer o processo de seleção do egresso com a seguinte questão: Como você foi selecionado pela empresa? Passou por exames? Seleção de currículo? Alguém Indicou? Foi via internet?

Gráfico 03 – Processo de seleção



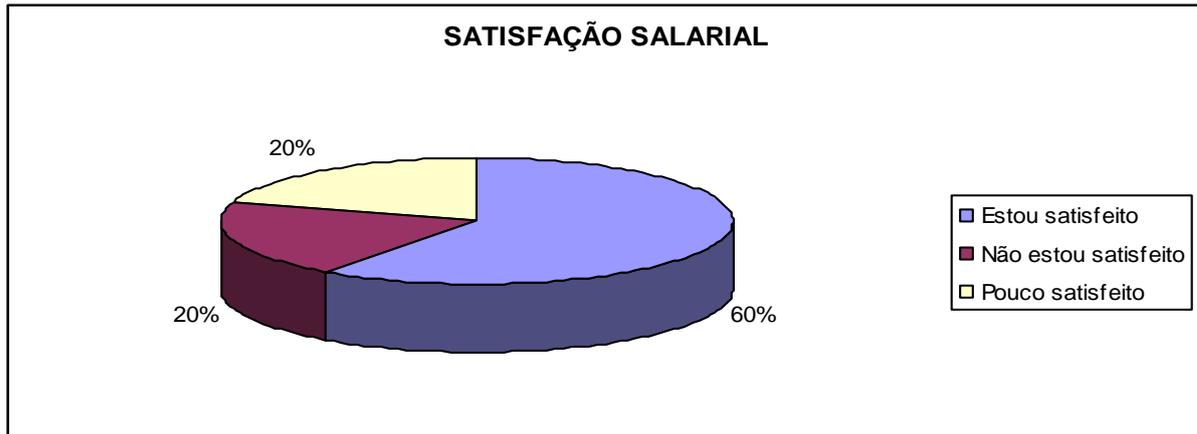
Fonte: Pesquisa de Campo 2013.

O resultado revela que a indicação de amigos é preponderante, 32%. O que comprova que na atualidade as relações interpessoais tem peso considerável para a inserção no mercado de trabalho, 20% enviaram currículo e conquistaram a vaga, e 20% enviaram o currículo e passaram por exames. Nenhum egresso foi selecionado via internet, embora seja frequente em sítios eletrônicos das empresas consideradas expressivas na região sul, a opção de enviar currículo.

4.6.4 Satisfação salarial

A quarta questão procurou averiguar a satisfação salarial com a seguinte questão: comparado com outras empresas da região, como é o teu salário? Há benefícios ou prêmios? Você está satisfeito (a)?

Gráfico 04 – Satisfação salarial



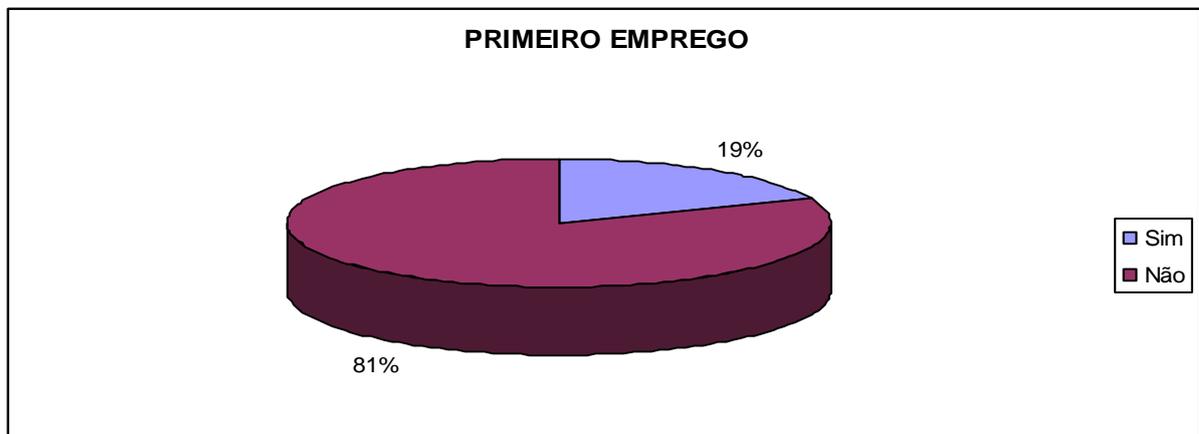
Fonte: Pesquisa de Campo 2013.

De acordo com a pesquisa 60% dos respondentes declararam estar satisfeitos com a remuneração salarial, 20 % declararam insatisfação e 20 % estão pouco satisfeitos.

4.6.5 Primeiro emprego

A quinta questão procurou averiguar se este é o primeiro emprego do egresso.

Gráfico 05 – Primeiro emprego



Fonte: Pesquisa de Campo 2013.

Para 81% dos respondentes, este não é o primeiro emprego, revelando o alto índice de inserção no mercado de trabalho, antes de ingressar, ou ingressaram durante o ensino superior. Apenas 19% declaram estar no primeiro emprego.

4.6.6 Condições de trabalho

A sexta questão investiga as condições laborais dos egressos: as condições de trabalho são satisfatórias? Há conflito no ambiente de trabalho? Você percebeu em você ou nas companheiras, sinais de esgotamento físico ou mental (nervoso, dor de cabeça, desmaios, distúrbios do sono, do apetite, depressão)? Que medidas foram tomadas?

Apenas um egresso respondeu que não há conflitos, e outro observou que as condições são boas e há poucos conflitos. Os depoimentos que seguem revelam o dia-a-dia do profissional modelista:

“há bastante desgaste mental, somos cobradas e são exigidas metas de coleção.” (questionário nº 02).

“Quando tem muito trabalho, tem sim estresse emocional, nervosismo, dor de cabeça” (questionário nº 06).

“As condições de trabalho são sim satisfatórias, porém acontecem alguns desentendimentos, situações intensas de estresse.” (questionário nº 07).

“Às vezes no auge da coleção me sinto pressionada e fico nervosa, não é feito nada, eu própria tento me acalmar dando uma volta e tomando água.” (questionário nº 03).

“[...] sim estamos bem esgotadas, trabalhamos muito com a mente. Cada uma faz alguma coisa pra melhorar, eu tomo um calmante natural para ficar mais tranquila e menos ansiosa.” (questionário nº 04)

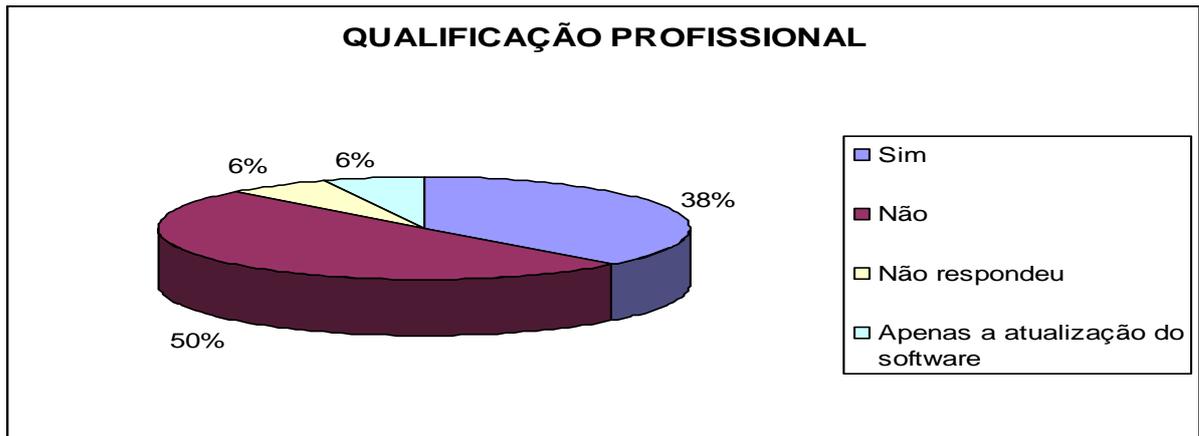
Sim, depressão, a pessoa em questão está encostada pelo INSS (questionário nº 11).

Estes depoimentos confirmam os estudos da área da sociologia do trabalho, os quais apontam o crescimento de casos de doenças ocupacionais, devido ao aumento de exigências no âmbito do conhecimento e comportamento.

4.6.7 Qualificação profissional

Essa questão procurou investigar a importância que o empregador atribui à qualificação profissional, com a seguinte pergunta: A empresa investiu ou investe em algum curso pra você?

Gráfico 06 – Aperfeiçoamento profissional



Fonte: Pesquisa de Campo 2013.

Cerca de 50% dos respondentes declararam que a empresa não investiu e nem investe em qualificação profissional, 38% declararam que sim, há investimento. 6% responderam que há apenas a atualização do software. Ressalta-se que é comum as empresas fornecedoras do software oferecerem atualização, o que provavelmente não implica em custos adicionais para a empresa.

4.6.8 Inserção profissional

Foi questionado se o egresso teria facilidade em conseguir outro emprego como esse. De acordo com a pesquisa, 73% declararam que seria fácil conseguir outro emprego como esse, para 27% não seria fácil conseguir outro emprego, e 4 respondentes não foram incluídos na tabulação, pois afirmaram o seguinte

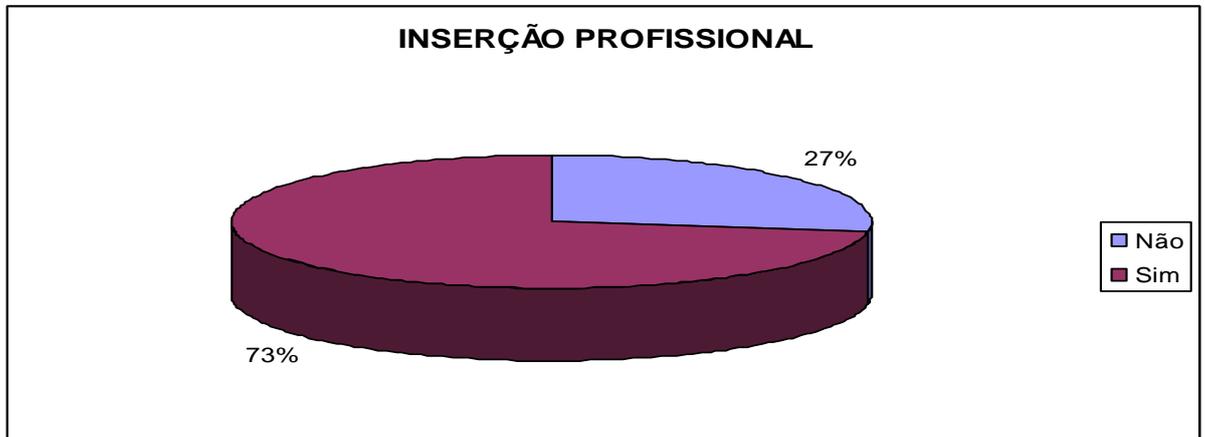
“Nunca tentei achar outro, aonde trabalho é o mais próximo da minha casa do que em outra empresa e eles vem buscar em casa.” (questionário nº 12)

“Acredito que sim, porém no momento não tenho interesse em outro emprego.” (questionário nº 15)

“Sim pelo meu currículo e pela minha experiência, porém não sei se a empresa será tão boa como esta. Trabalho numa empresa que tem novas instalações, tem transporte próprio, refeitório com bufê...” (questionário nº 12)

“Na verdade estou em busca de outro emprego” (questionário nº 04).

Gráfico 07 – Inserção profissional

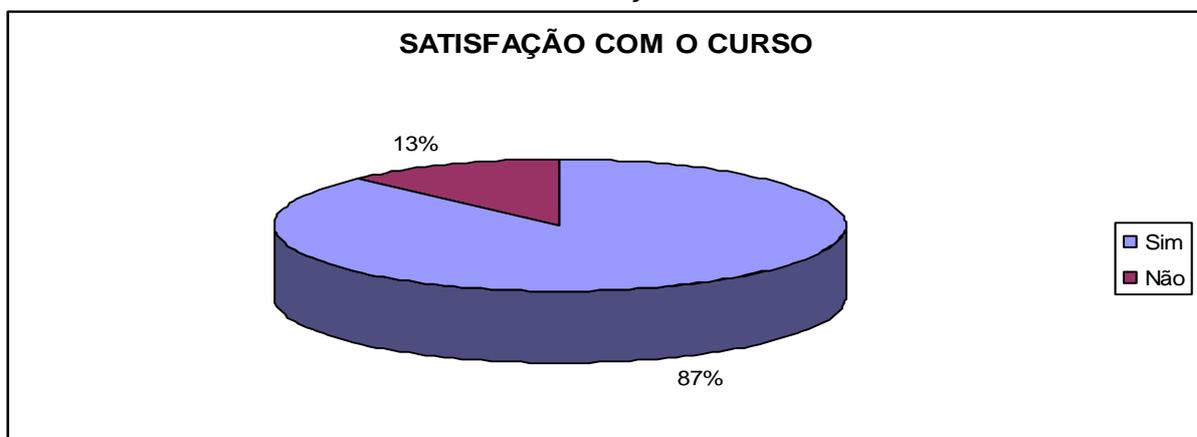


Fonte: Pesquisa de Campo (2013)

4.6.9 Satisfação com o curso

Os conhecimentos do curso de Tecnologia em Design de Moda foram satisfatórios?

Gráfico 08 – Satisfação com o curso



Fonte: Pesquisa de Campo (2013)

Os dados indicam um índice alto de satisfação com o curso 87%, contudo os depoimentos que seguem revelam a percepção da parte específica de modelagem.

“Em um contexto geral sim, porém na área da modelagem deixou a desejar.” (questionário nº 12)

“Os conhecimentos do curso foram satisfatórios, porém eu já trabalhava quando ingressei na faculdade.” (questionário nº 09)

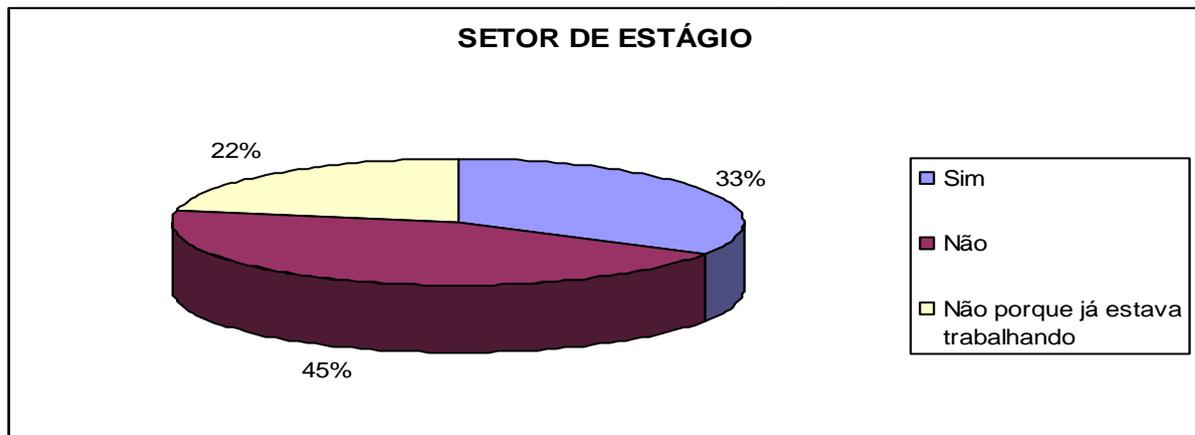
“Deixou um pouco a desejar, boa parte do profissional que sou hoje, aprendi na prática.” (questionário nº 14)

“O conhecimentos ajudaram a iniciar, porém o maior aprendizado obtive durante o estágio, após o estágio consegui a vaga.” (questionário nº 01)

4.6.10 Setor de estágio

O setor de estágio da instituição contribuiu de alguma forma para seu ingresso no mercado de trabalho? Para 45% dos entrevistados o setor de estágio não contribuiu para o ingresso no mercado de trabalho, enquanto para 33% o setor contribuiu, e, para 22% o setor não contribuiu porque estavam trabalhando

Gráfico 09 – Setor de estágio



Fonte: Pesquisa de Campo (2013)

4.6.11 Continuidade nos estudos

Você pretende dar continuidade aos estudos? Pretende continuar na profissão de modelista?

Nesta questão, com exceção de um respondente, todos declararam que pretendem continuar os estudos, o que revela a importância do conhecimento formal como capital de disputa pelo trabalhador, no mercado de trabalho.

“Não penso em dar continuidade aos estudos, mas pretendo continuar na profissão de modelista.”

4.6.12 Funções do modelista

Especifique dentro da área que você trabalha as principais funções que você exerce.

As respostas, com frequência indicam várias atividades do profissional modelista: realizar a modelagem, a gradação, o encaixe e inserção de dados no sistema. Foi revelada também a realização da modelagem tridimensional – a *moulage*, indicando a integração de técnicas.

“Faço modelagem interpretando ficha técnica do estilo, acompanhamento da peça-piloto junto às piloteiras, liberação de peça de mostruário, prova de roupas, gradação de modelagem, preenchimento de planilhas no Excel das metas diárias.”

“Sou responsável pelo setor de modelagem, faço interpretação do modelo, gradação e liberação do mostruário.”

“Ministro aulas de modelagem e costura industrial.”

“Faço o desenvolvimento de bases e modelagem de peças novas, repilotagem e liberação da produção.”

“Modelagem, encaixe, custos, cadastramento de peças.”

“Eu faço modelagem, graduo, dependendo o modelo é feito moulage também. Tem as bases já feitas no sistema... Depois é feito o protótipo, provado com estilista, feitas alterações no sistema, e aí sim é cortado o mostruário, provado novamente para analisar o modelo feito na produção e reparado se ainda tiver algum detalhe errado.”

“Modelagem da peça piloto, liberação do mostruário e gradação.”

“Faço modelagem, cuido dos modelos na pilotagem, na liberação para mostruário, gradação das peças, preenchimento de planilhas de rendimento e organização do setor.”

“Modelo no sistema Audaces, sou responsável pela peça até o fim, faço liberação do mostruário e acompanhamento na produção.”

Estas falas revelam a complexidade das tarefas de um modelista na indústria, a ideia predominante de um profissional com papel, lápis em uma mesa grande não coaduna com a realidade onde se exige o domínio de tecnologias, conhecimentos e também o aspecto comportamental é critério de seleção e permanência.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa bibliográfica apontou mudanças drásticas no mundo do trabalho, como por exemplo, a expansão crescente das novas racionalidades produtivas com forte expressão na terceirização, no campo da modelagem do vestuário, revelou que as novas demandas incluem o domínio de várias técnicas, em especial a modelagem no sistema CAD, não é suficiente fazer a modelagem, a interpretação do modelo e a gradação – tarefa primordial do modelista. Na atualidade é requisitado que esse profissional acompanhe a peça protótipo, faça a inserção de dados em *softwares* diversos, adaptação dos moldes aos diversos tipos de tecidos, cumprimento de metas diárias, enfim, para aqueles que vivem do trabalho, as exigências do mercado de trabalho Intensificam, com conseqüências para a saúde,. Quando se trata de denim a diversidade é imensa, do mesmo modo ampliam-se as necessidades de conhecimento da matéria-prima e dos tipos de beneficiamento disponíveis nas lavanderias

Uma questão relevante foi verificar quais funções realmente exercem os modelistas no ambiente fabril. As respostas, com freqüência indicam várias atividades do profissional modelista: realizar a modelagem, a gradação, o encaixe e inserção de dados no sistema. Foi mencionada também, a realização da modelagem tridimensional – a *moulage*, indicando a integração de técnicas, portanto, o estudo revelou a complexidade das tarefas de um modelista na indústria do vestuário.

A indústria do vestuário atua em forma de redes, onde o trabalho é extremamente fragmentado como evidenciado na fundamentação teórica e, desta forma, reafirma a divisão social do trabalho. A modelagem e corte são estratégicos, pois lidam diretamente com a matéria-prima que representa 40 a 60% do custo do produto, esses setores permanecem nas empresas detentoras das marcas, enquanto o trabalho de montagem das peças é terceirizado, realizado por facções domiciliares, onde as relações trabalhistas são mais vulneráveis, o que provavelmente explica o índice de contratos CLT – 88%, e a satisfação com a remuneração 60%.

O estudo revelou que a instituição vem proporcionando os conhecimentos e as técnicas indispensáveis à formação do modelista; a matriz curricular contempla a modelagem plana manual, informatizada e tridimensional, e coaduna com a

pesquisa de campo, a qual revela que para 73% dos respondentes existe facilidade em encontrar outro emprego de modelista.

A pesquisa de campo apontou que nos últimos 03 anos apenas 05 acadêmicos fizeram o estágio curricular obrigatório no setor de modelagem de alguma empresa da região sul catarinense, no entanto, foram 16 o total de respondentes da pesquisa, este fato corrobora com a análise de que o estagiário teve a oportunidade de se inserir no setor da modelagem, embora não tenha buscado estagiar neste segmento. Para 45% dos entrevistados o setor de estágio não contribuiu para o ingresso no mercado de trabalho, enquanto para 33% o setor contribuiu, e, para 22% o setor não contribuiu porque estavam trabalhando. O estágio curricular é obrigatório, mas a empresa pode convidar a fazer parte do quadro de funcionários ou dispensá-lo, o que raramente ocorre.

Em relação à satisfação com as condições laborais encontradas, os relatos indicam um ambiente de trabalho com estresse e desgaste mental, por isso a rotatividade: para 81% dos respondentes, este não é o primeiro emprego, sendo que 44% estão na faixa etária entre 20 e 25 anos, e 50% de 25 a 35 anos, o que indica uma rotatividade no trabalho bastante expressiva devido às condições encontradas, o estudo revela que pessoas jovens passaram por vários empregos.

O fato de todos os respondentes, à exceção de um, afirmarem que pretendem continuar nos estudos indica o valor do conhecimento como ferramenta de competitividade no mercado de trabalho, tanto para a inserção quanto para a permanência, da mesma forma, para 73% existe facilidade em encontrar outro emprego.

Quanto à inserção profissional, a pesquisa de campo revelou que 81% dos respondentes já estavam no mercado de trabalho quando finalizaram o curso Superior de Tecnologia em Design de Moda, e apenas 19% estão no primeiro emprego, o que comprova que o acadêmico, ao concluir o curso, não se encontrava em situação de não trabalho.

O dado que merece destaque é a inserção no mercado de trabalho via indicação de amigos ou professores: 32%, enquanto a tecnologia não apresenta representatividade neste segmento, ou seja, nenhum egresso foi contratado por envio de currículo via correio eletrônico. Os critérios usados pelas empresas são vários e podem estar integrados, 7 % dos respondentes passaram por 3 etapas no processo seletivo: foram indicados por amigos e professores, passaram por seleção

de currículo, e fizeram exames. 20% foram selecionados por currículo e passaram por exames, - portanto, 2 etapas. 20% apenas enviaram currículo, portanto uma etapa. No entanto o dado mais relevante para a inserção no mercado de trabalho é a indicação de amigos e professores, resultando em apenas uma etapa no critério de seleção: 32%, esse índice revela que os aspectos comportamentais sobressaem, as relações interpessoais têm peso significativo para inserção e permanência no mundo do trabalho.

Por fim, acredita-se que os objetivos foram plenamente atingidos, no entanto ficam apontados alguns limites: não foram ouvidos os empregadores, no sentido de averiguar como estão recebendo os egressos em relação à formação institucional; a pesquisa de campo revelou a não existência de piso salarial para modelistas, não foi questionado como os mesmos avaliam essa premissa. A autora sugere para a instituição a criação de um ambiente virtual, denominado Portal do Egresso, onde os mesmos tenham um espaço para interação e troca de informações, o que poderia facilitar futuras pesquisas com a temática em questão.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Mário de. **Tecnologia do vestuário**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1996.

BIANCHETTI, Lucídio. *Curriculum Vitae* em Tempos de Empreendedorismo e Empregabilidade. In: AUED, Bernardete Wrublevski (Org.) **Traços do Trabalho Coletivo**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005.

CECHINEL, Keila Cabral. **Catálogo de padronagens de lavanderia**. Relatório de Estágio. SENAI/UNESC. 2012.

CALEFFI, Vilma Marta. **Reestruturação produtiva na indústria do vestuário e as implicações para a qualificação dos trabalhadores**. Dissertação (Mestrado) Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, CED – Centro de Ciências da Educação, Florianópolis. 2008.

COSTAS, Ruth. **'Geração do diploma' lota faculdades, mas decepciona empresários**. 9 de outubro, 2013 - 17:33 (Brasília) 20:33 GMT, Disponível em: http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2013/10/131004_mercado_trabalho_diplomas_ru.shtml. Acesso em 04 jan. 2014.

CORREA Bernardo Alves. **Simulacro de aprendizagem e precarização do trabalho**: dimensões da utilização dos estágios não obrigatórios no Rio Grande do Sul em tempos de acumulação flexível. Universidade Federal do Rio Grande do Sul Instituto de Filosofia e Ciências Humanas Porto Alegre, 2009. Disponível em <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/18435/000728997.pdf?sequence=1>. Acesso em 06 jan. 2014.

EUSÉBIO, Caroline Pereira. **Otimização da matéria-prima na indústria do vestuário**. Relatório de estágio, SENAI/UNESC 2012.

FELIPE, Rodicélia. **Análise dos Projetos dos Cursos Técnicos de Nível Médio e de Tecnologia de Graduação do Segmento do Vestuário oferecidos na Cidade de Criciúma/SC.** Dissertação (Mestrado) - Programa de pós-graduação em Educação da UNESC 2009.

FLETCHER, Kate. **Moda e sustentabilidade: design para mudança.** Tradução de Janaína Marcoantonio. São Paulo: SENAC São Paulo, 2011.

FISCHER, Anette. **Fundamentos do design de moda.** Tradução de Camila Bisol Brum Scherer . Porto Alegre: Bookman. 2010. (Coleção Construção de Vestuário).

GOULARTI Filho, Alcides (Org). **Ensaio sobre a economia Sul-catarinense II.** Criciúma: UNESC, 2005.

GOULARTI Filho, Alcides; JENOVEVA Neto, Roseli. **A indústria do vestuário: economia, estética e tecnologia.** Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1997.

HEINRICH, Daiane Pletchr. **Modelagem e técnicas de interpretação para confecção industrial.** Novo Hamburgo: Feevale, 2005.

INVERZINI, Noela. Mercado de trabalho, controle fabril e crise da organização operária. . In: AUED, Bernardete Wrublewski (Org.) **Traços do Trabalho Coletivo.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005.

KUENZER, Acácia Zeneida. **Ensino de 2º grau: o trabalho como princípio educativo.** São Paulo: Cortez, 1997.

MATIAS, Maria Aparecida. **Análise da Tabela de Medidas Feminina, criada pela ABRAVEST, junto as Indústrias de Confecções de Criciúma,** Monografia de Pós-graduação, UNESC, 2009.

NETO, O.C. O trabalho de campo como descoberta e criação. IN: Minayo, M.C. S. (Orgs). **Pesquisa social: Teoria, método e criatividade**. 13. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. 80 p.

POCHMANN, Marcio. **A inserção ocupacional e o emprego dos jovens**. São Paulo: ABET, 1998.

POCHMANN, Marcio. **O trabalho na crise econômica no Brasil: primeiros sinais**. Estud. av. São Paulo, v.23, n.66, 2009. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142009000200004&lng=pt&nrm=iso>. Acessos em 07 dez. 2013.

RABELO, Giani. **Trabalho arcaico no moderno mundo da moda**. Dissertação. Florianópolis: UFSC, 1997

SUGA, Mauro; SANTOS, Alexandre Cirino dos. **A melhoria do relacionamento universidade/empresa como instrumento de desenvolvimento regional**. In Monografias premiadas no 2º concurso de monografias sobre a Relação Universidade/Empresa – Curitiba IPARDES, IEL – PR 2001.

SILVEIRA, Icléia et al. A Formação dos Profissionais do Setor de Modelagem do Vestuário da Região do Vale do Itajaí–SC. In VANDRENSSEN et al. **Moda, Comunicação e Universidade**. Florianópolis: Universidade Estadual de Santa Catarina, 2012. (Série Modapalavra, 7)

SILVEIRA, Icléia, et al. **A Relação da Técnica *Moulage* com o Corpo**. In: Colóquio de Moda, 9. 2013. Fortaleza. **Anais...** Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2013.

KLEIN, Naomi. Sem Logo: **A Tirania das Marcas em um Planeta Vendido**.

Tradução de Ryra Vinagre. São Paulo: Record, 2002.

TAKAHASHI, Adriana Roseli Wünsch; AMORIM, Wilson Aparecido Costa de. **Reformulação e Expansão dos Cursos Superiores de Tecnologia no Brasil**: as dificuldades da retomada da educação profissional. Ensaio: aval. pol. públ. Educ., Rio de Janeiro, v.16, n.59, jun. 2008. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40362008000200004&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 07 dez. 2013. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-40362008000200004>.

APÊNDICE 1

QUESTIONÁRIO PILOTO



UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE – UNESC
SERVIÇO NACIONAL DE APRENDIZAGEM INDUSTRIAL –
CURSO: TECNÓLOGO EM DESIGN DE MODA
ACADÊMICA: VILMA MARTA CALEFFI



O presente questionário faz parte do projeto de pesquisa sobre “INSERÇÃO DE EGRESSOS DO CURSO DE TECNOLOGIA EM DESIGN DE MODA NO MERCADO DE TRABALHO” O intuito da pesquisa é compreender como os estudantes egressos do curso Tecnologia em Design de Moda se inserem no mundo do trabalho Os dados obtidos servirão apenas para análise da questão, sem identificar o participante. Desde já agradeço sua colaboração.

1) Sua faixa etária é;

- () 20 - 25 anos
 () 25 - 35 anos
 () 35 - 40 anos
 () 40 - 45 anos
 () mais de 45

2) Qual o regime de trabalho?

- () a) Contrato trabalho CLT
 () b) Profissional Autônomo
 () c) Empresário (a)
 () d) Outros:

3) Como você foi selecionado pela empresa? Passou por exames? Seleção de currículo? Alguém indicou?

4) Quanto tempo está na empresa? _____

5) Quantos empregos você teve antes de estar nessa empresa? _____

6) Comparado com outras empresas da região, como é o teu salário? Há benefícios ou prêmios? Você está satisfeito (a)?

7) A empresa investiu ou investe em algum curso pra você?

8) Para você é fácil conseguir outro emprego como esse?

9) Os conhecimentos do curso de Tecnologia em Design de Moda foram satisfatórios? O setor de estágio da instituição contribuiu de alguma forma para seu ingresso no mercado de trabalho?

10) Você percebeu em você ou nas companheiras, sinais de esgotamento físico ou mental (nervoso, dor de cabeça, desmaios, distúrbios do sono, do apetite, depressão)? Que medidas foram tomadas?

11) Você já presenciou algum conflito no seu trabalho?

12) Existem reuniões para discutir melhores condições de trabalho? Com que frequência? Você pode expressar sua opinião nessas reuniões?

13) Você pretende dar continuidade aos estudos? Pretende continuar na profissão de modelista?

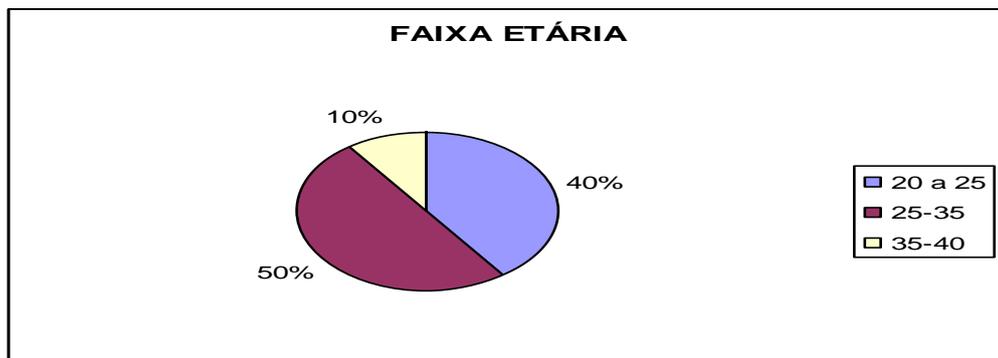
14) Especifique dentro da área que você trabalha as principais funções que você exerce.

APÊNDICE 2

ANÁLISE DO QUESTIONÁRIO PILOTO

No dia 31/08 foi realizado uma pesquisa piloto com acadêmicos do curso de pós graduação em Modelagem do Vestuário, oriundos do curso de Tecnologia em Design de Moda, que estão exercendo a profissão de modelistas. Foram aplicados 10 questionários, sendo que 9 retornaram. O questionário aplicado é o que consta no anexo 1, deste projeto. Esse procedimento foi realizado com o intuito de averiguar e analisar a adequação das questões.

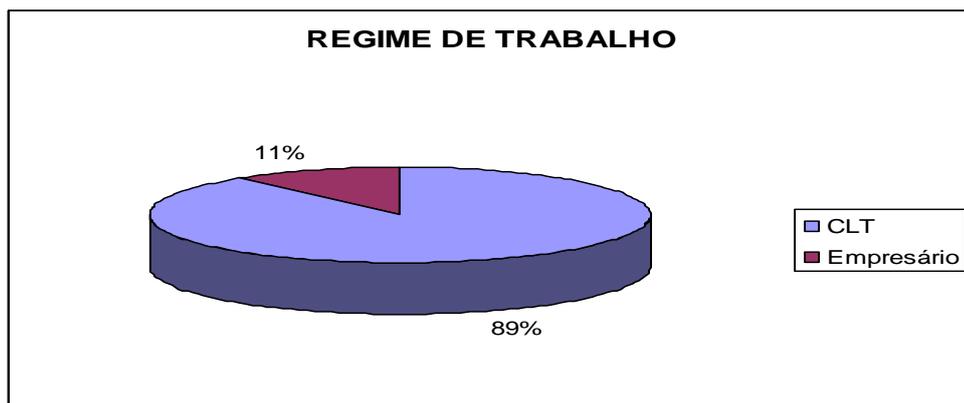
1- Faixa etária



Fonte: Pesquisa de Campo (2013)

A pesquisa piloto revelou que 50% encontra-se na faixa etária dos 25-35 anos, apenas 1 acadêmico dos 35 - 40 anos. Indicando um percentual bastante jovem na profissão de modelista.

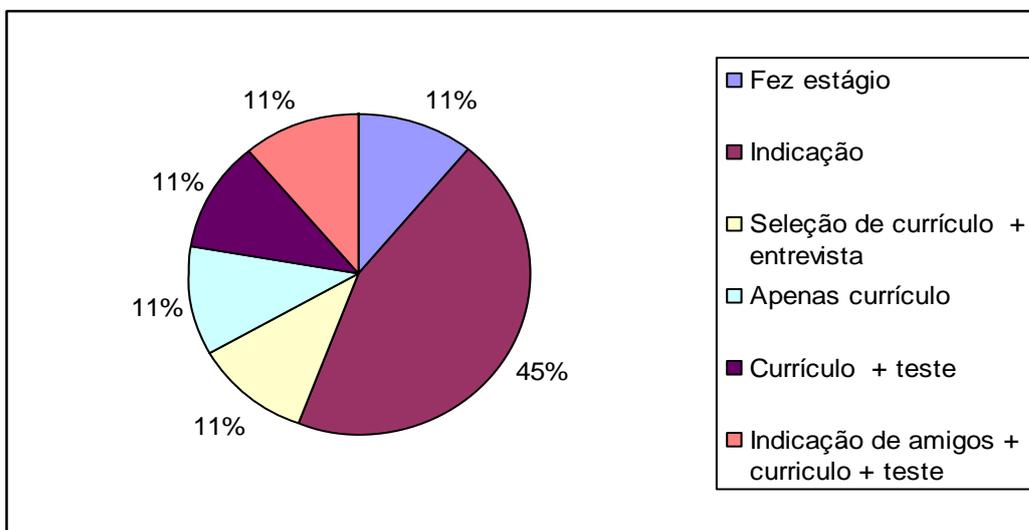
2 - Regime de trabalho



Fonte: Pesquisa de Campo 2013.

Dos 9 acadêmicos que responderam, 1 é empresário e o restante (8) são trabalhadores em regime CLT. Mesmo preliminares esses dados indicam uma estabilidade profissional.

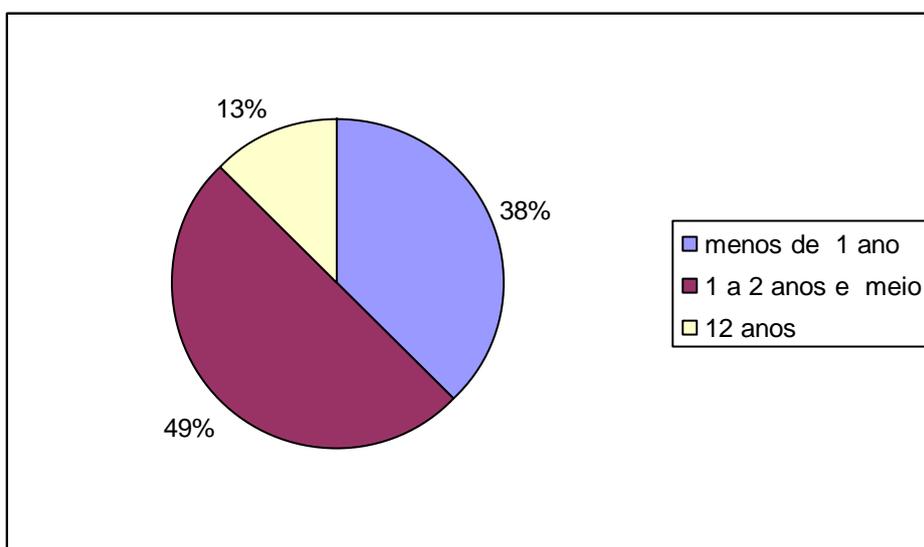
3 - Como você foi selecionado?



Fonte: Pesquisa de Campo 2013.

O resultado parcial revela que a indicação de amigos é expressiva. O que comprova que na atualidade as relações interpessoais tem peso considerável para a inserção no mercado de trabalho.

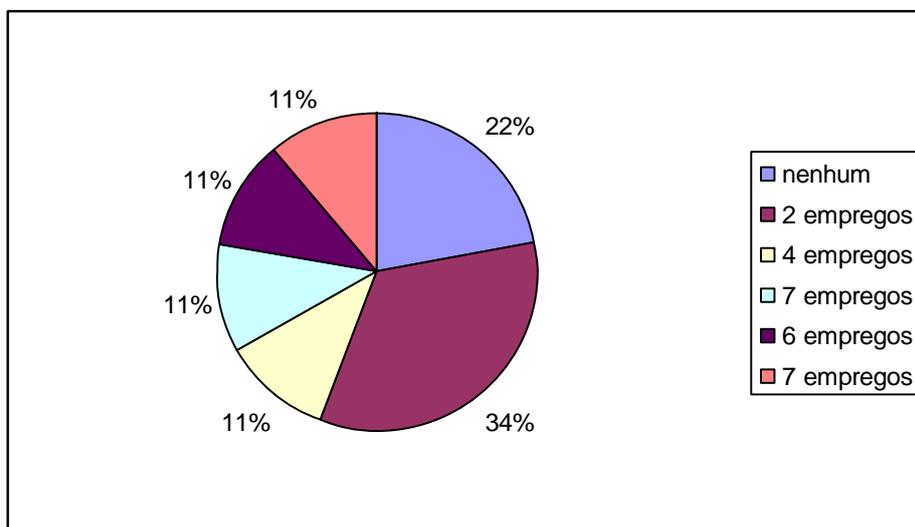
4 - Há quanto tempo está na empresa?



Fonte: Pesquisa de Campo 2013.

Os dados revelam que 49% está no emprego atual de 1 a 2 anos e meio, 38% está a menos de um ano e apenas um acadêmico está há 12 anos na empresa.

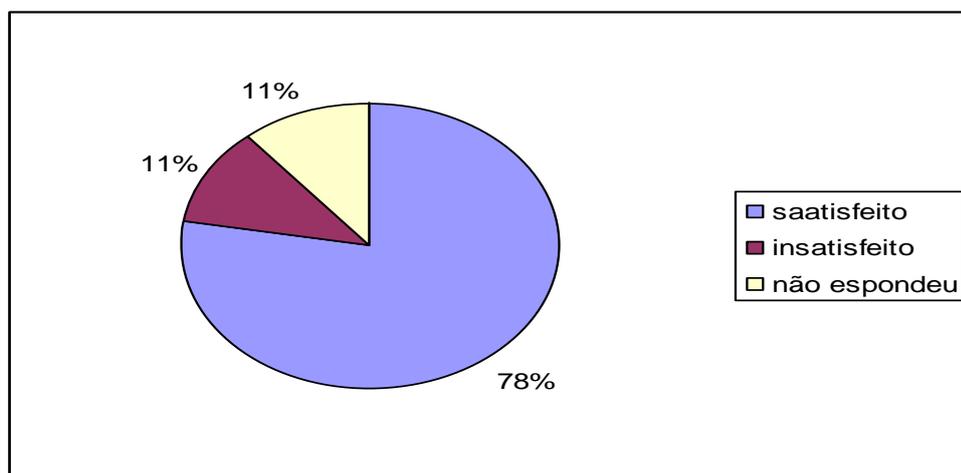
5 – Quantos empregos você teve antes de entrar nessa empresa?



Fonte: Pesquisa de Campo 2013.

De acordo com a pesquisa, 34% dos respondentes, declararam terem passado por dois empregos, 22% declaram estar no primeiro emprego. O que surpreende é a quantidade de emprego que 3 deles tiveram – 5 empregos, 11% tiveram 6 e 11% tiveram 7 empregos, antes do emprego atual.

6 - Satisfação salarial

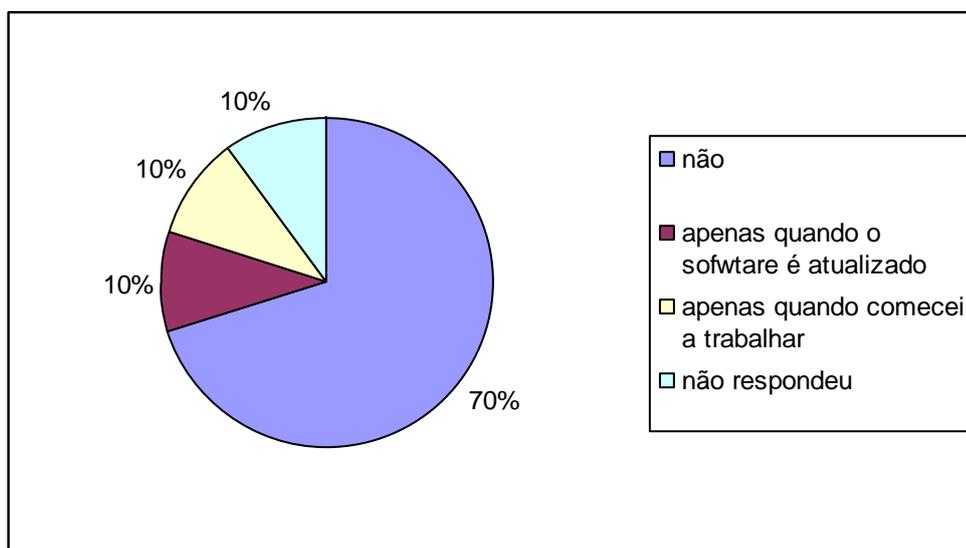


Fonte: Pesquisa de Campo .2013.

Os dados revelam que 78% dos respondentes - 7 acadêmicos estão

satisfeitos com a remuneração salarial, apenas 1 está insatisfeito e 1 não respondeu, por ser empresário.

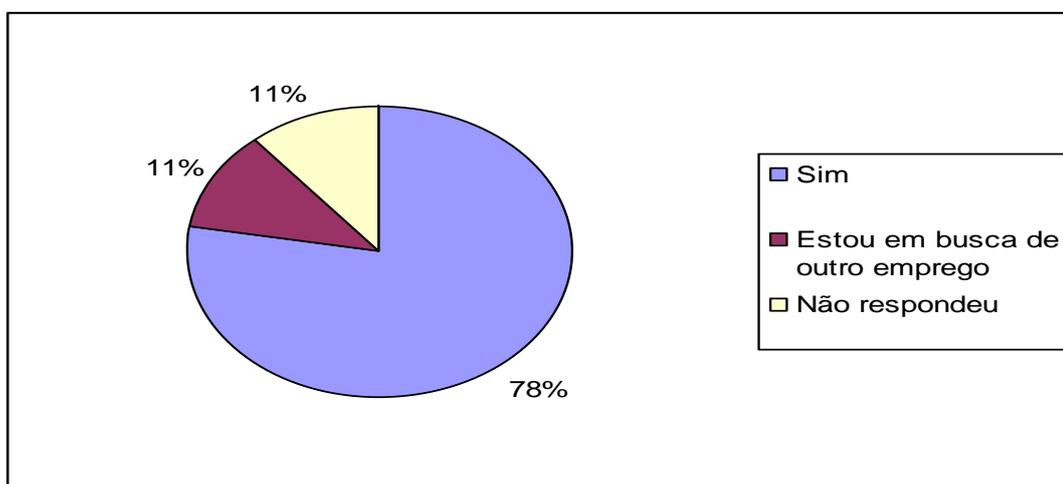
7 – Investimento em aperfeiçoamento profissional



Fonte: Pesquisa de Campo 2013.

Foi questionado se a empresa oferece oportunidade de aperfeiçoamento profissional. 70% declararam que a empresa não oferece, apenas 1 respondeu que ocorre apenas quando o software de modelagem é atualizado. E 1 acadêmico não respondeu, por ser empresário.

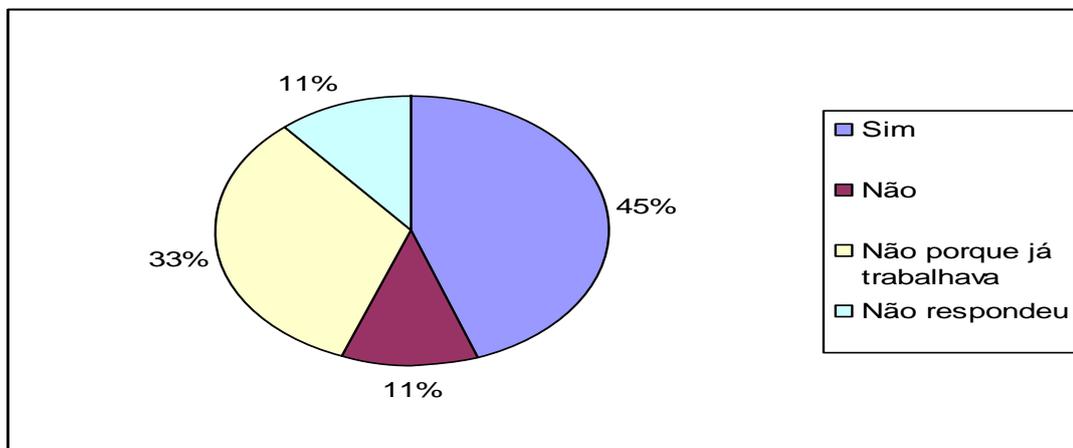
8- Inserção no mercado de trabalho



Fonte: Pesquisa de Campo .2013.

Foi questionado se, para o acadêmico é fácil conseguir outro emprego. 78% responderam que sim, 1 acadêmico está em busca de outro emprego e apenas um não respondeu.

9 – Contribuições do setor de estágio



Fonte: Pesquisa de Campo .2013.

Foi questionado a contribuição do setor de estágios da instituição, 58% responderam que foi relevante para a inserção no mercado de trabalho, 45 % declararam que não foi relevante porque estavam inseridos no mercado de trabalho. Apenas 1 acadêmico respondeu que o setor não contribuiu; 1 acadêmico não respondeu.

APÊNDICE 3

COMUNICAÇÃO ELETRÔNICA ENVIADA AOS EGRESSOS

Prezado Tecnólogo em Design de Moda

Estou finalizando a pós-graduação em Modelagem do Vestuário e meu projeto de pesquisa visa compreender como vem ocorrendo a INSERÇÃO DE MODELISTAS EGRESSOS DO CURSO DE TECNOLOGIA EM DESIGN DE MODA, NO MERCADO DE TRABALHO, portanto este e-mail tem a finalidade de esclarecer e ao mesmo tempo solicitar sua contribuição com a pesquisa nos seguintes aspectos.

1 - Caso você esteja atuando na área da modelagem, solicito que confirme o recebimento deste.

2 – A próxima etapa consiste na obtenção de dados da pesquisa, sendo enviado no mesmo e-mail que confirmou o instrumento de coleta de dados contendo 12 questões, nos próximos 5 dias.

3 - Fica desde já esclarecido que o nome do respondente não será divulgado.

Ressalto que sua contribuição poderá servir como fundamento para a melhoria da grade curricular do curso, por isso, peço sua colaboração.

Desde já, agradeço,

Atenciosamente,

Vilma Marta Caleffi

Acadêmica do curso de Pós- graduação em Modelagem do Vestuário SENAI\UNESC

Professora Msc. do curso de Tecnologia em Design de Moda- CRICIUMA

APÊNDICE 4**QUESTIONÁRIO REESTRUTURADO**

UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE – UNESC
SERVIÇO NACIONAL DE APRENDIZAGEM INDUSTRIAL –
CURSO: TECNÓLOGO EM DESIGN DE MODA
ACADÊMICA: VILMA MARTA CALEFFI



O presente questionário faz parte da pesquisa sobre “INSERÇÃO DE EGRESSOS DO CURSO DE TECNOLOGIA EM DESIGN DE MODA NO MERCADO DE TRABALHO” O intuito da pesquisa é compreender como os estudantes egressos do curso Tecnologia em Design de Moda se inserem no mundo do trabalho

Os dados obtidos servirão apenas para análise da questão, sem identificar o participante. Desde já agradeço sua colaboração.

1) Sua faixa etária é;

- () 20 - 25 anos
- () 25 - 35 anos
- () 35 - 40 anos
- () 40 - 45 anos
- () mais de 45

2) Qual o regime de trabalho?

- () a) Contrato trabalho CLT
- () b) Profissional Autônomo
- () c) Empresário (a)
- () d) Outros:

3) Como você foi selecionado pela empresa? Passou por exames? Seleção de currículo? Alguém Indicou? Foi via internet?

4) Comparado com outras empresas da região, como é o teu salário? Há benefícios ou prêmios? Você está satisfeito (a)?

5) Este é seu primeiro emprego?

- 6) As condições de trabalho são satisfatórias? Há conflito no ambiente de trabalho? Você percebeu em você ou nas companheiras, sinais de esgotamento físico ou mental (nervoso, dor de cabeça, desmaios, distúrbios do sono, do apetite, depressão)? Que medidas foram tomadas?
- 7) A empresa investiu ou investe em algum curso pra você?
- 8) Para você é fácil conseguir outro emprego como esse?
- 9) Os conhecimentos do curso de Tecnologia em Design de Moda foram satisfatórios?
- 10) O setor de estágio da instituição contribuiu de alguma forma para seu ingresso no mercado de trabalho?
- 11) Você pretende dar continuidade aos estudos? Pretende continuar na profissão de modelista?
- 12) Especifique dentro da área que você trabalha as principais funções que você exerce.

